

Afirmativa

Ano II - nº 06 - AFROBRAS

plural

Sucesso

NOVO CAMPUS LUZ TRIPLICA
NÚMERO DE ALUNOS

ENTREGA DO TROFÉU RAÇA NEGRA

21 DE MARÇO - DIA INTERNACIONAL
CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL







**Tudo o que você mais
quer, pertinho de você.
Mariana, Alice, Bento
e Caixa Eletrônico Itaú.**

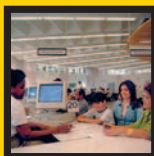
Caixa Eletrônico Itaú. Feito para você
fazer saques, investimentos, transferências,
consultas, pagamentos e muito mais.
Tudo para você curtir o verão por inteiro.





PRODESP. MAIS TRANSPARÊNCIA PARA O TRABALHO DO GOVERNO DO ESTADO E MAIS FACILIDADES PARA VOCÊ.

A Prodesp - Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo aplica a tecnologia da informação em programas do governo, ajudando os órgãos públicos estaduais a se modernizarem e melhorarem o atendimento à população. Veja alguns exemplos:



POUPATEMPO

- 99% de aprovação da população;
- atendimento rápido e eficiente;
- 100 milhões de atendimentos realizados;
- oferece serviços públicos como: Carteira de Trabalho, RG, licenciamento de veículos e muito mais;
- 10 postos em todo o Estado.



BOLSA ELETRÔNICA DE COMPRAS

- portal de Internet que dá mais transparência e economia às negociações do Governo;
- através de um leilão virtual, o Governo expõe o que precisa comprar e as empresas fornecedoras fazem suas ofertas;
- ganha quem tem mais qualidade e menor preço.



POUPATEMPO MÓVEL

- um caminhão de serviços públicos essenciais do Poupatempo para quem mora em bairros distantes da capital.



FARMÁCIA ELETRÔNICA

- sistema que elimina desperdícios na distribuição de medicamentos;
- beneficia pacientes do Instituto do Coração e do Instituto Central do Hospital das Clínicas de São Paulo;
- gerou economia de cerca de 37% nos 29 medicamentos mais utilizados no Incor, possibilitando a ampliação do número de pacientes atendidos sem gastos adicionais.



ACESSA SÃO PAULO

- o maior programa público de inclusão digital do Brasil;
- funciona nos infocentros, onde o cidadão pode usar a internet para procurar emprego, ter acesso a serviços públicos e obter outras informações de seu interesse.

Programas como estes dão transparência para a administração pública e facilitam cada vez mais a vida de quem é realmente importante para todos nós: o cidadão.



evando a cultura afro-brasileira ao mundo

Uma autoridade quando o tema é a religião afro-brasileira e uma referência acadêmica internacional em sociologia e antropologia, o professor Doutor José Flávio Pessoa de Barros, Coordenador do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões da UERJ fala a Revista Afirmativa sobre a cultura afro, história e religião, narrando de modo claro o desenvolvimento de suas pesquisas.



Revista Afirmativa - Professor como foi que se iniciou essa sua busca pela cultura e religiosidade afro?

Professor José Flávio - Tudo começou quando eu terminei o curso de ciências sociais e ingressei na Pós-graduação. Eu era bolsista da CNPQ e o Diretor do Museu da Quinta da Boa Vista recomendou meu nome para auxiliar um pesquisador francês que procurava uma peça africana, um trono do Rei de Daomé que supostamente havia sido dado para Dom Pedro I. Enquanto procurava descobrir um depósito com várias peças africanas, era um museu dentro do museu. Nesse momento nasceu uma grande amizade entre o Pierre Weil. Mas até então a tese que eu estava fazendo era voltada para a cultura indígena e foi o Pierre quem me falou “eu não sei como você, sendo filho de negro, seguidor das religiões afro vai estudar índio”. E assim eu mudei o foco da tese e passei a fazer um estudo inédito sobre as ervas sagradas do candomblé. Pesquisei cada planta utilizada nos terreiros, classifiquei botanicamente e fiz uma listagem com os nomes em yorubá e o que eles significavam e isso rendeu coisas muito importantes. Só nas bibliotecas da USP foram tiradas mais de 2800 cópias desse material e eles eram levados pros terreiros.

Afirmativa - E o senhor sofreu algum tipo de preconceito por levar um tema tão discriminado aos bancos da academia?

José Flávio - O preconceito no Brasil é genérico, ele existe em todas as partes inclusive na academia, mas ali você consegue dissipar qualquer barreira quando

apresenta trabalhos embasados e foi o que eu fiz. Existe um preconceito na academia e isso é histórico. O negro nunca teve uma aura glamurosa como a do índio e nem teve verbas subsidiadas por empresas como os imigrantes tiveram. O único momento em que houve um *boom* nas pesquisas sobre a cultura negra foi no período pós 2ª guerra, onde o Brasil ficou sendo visto como um paraíso racial e a ONU financiou inúmeras

Mas até então a tese
que eu estava fazendo
era voltada para a cultura
indígena e foi o Pierre quem
me falou “eu não sei como
você, sendo filho de negro,
seguidor das religiões afro
vai estudar índio”.

pesquisas nesse sentido, mas passado esse momento acabaram-se os incentivos. Mas essas barreiras são diluídas quando você se mune de conhecimento e o encara.

Afirmativa - Atualmente em qual trabalho o senhor está envolvido?

José Flávio - Atualmente eu tenho trabalhado com a música sacra afro-brasileira. Esses cânticos sagrados são entoados em yorubá litúrgico, um idioma com mais de 200 anos e que deixou de ser falado há muito tempo é como um canto gregoriano. Mas ao mesmo tempo em que deixa de ser fala-

do ele passa a se tornar uma língua sagrada falada apenas quando as pessoas exercitam a sua fé. Só Xangô tem mais de 3 mil cânticos e resgatar a história das tradições das comunidades de terreiro é ao mesmo tempo resgatar a identidade da população afro, na qual eu me considero incluído. Essa pesquisa acontece da seguinte maneira: Em um primeiro momento grava-se o canto durante as celebrações, em seguida pede-se que as pessoas digam o que se falava na música, por último se reconstrói essas falas e seu significado com um lingüista. Isso é muito difícil pois essa é uma língua oral, as pessoas sabem cantar, mas não sabem o que as palavras significam.

Afirmativa - E como essa tradição se preservou após todos esses anos?

José Flávio - No final do século XVII foram destruídas na Nigéria duas cidades Yorubás e cerca de 90% dessa população vieram parar no Brasil ou no Caribe. O cenário no Brasil nesse momento já era outro, o país já estava urbanizado e não havia mais a necessidade de dividir a população. Então eram negros da mesma origem, que falavam a mesma língua e que de alguma maneira acabaram influenciando os negros que já estavam no país porque eles eram maioria. Assim foram criados os primeiros espaços de resistência. Existem registros históricos datados em 1830, sobre casas de candomblé na Bahia e cada uma delas possui uma maneira singular de ser, a identidade do negro ficou ligada as comunidades de terreiro, a cultura e a memória foram preservadas lá dentro.

Afirmativa - Como se deu o interesse de

outros países por essas pesquisas?

José Flávio - Esse interesse sobre o Brasil na verdade sempre existiu. Os outros países têm essa curiosidade em saber como funciona um país tão mestiço e o que é possível aprender com este lugar. Diversos livros e filmes sempre falaram sobre o carnaval, o candomblé, as relações inter raciais. Principalmente durante o cinema novo onde a temática do negro foi tão importante e isso atingiu o mundo inteiro. Existe também uma curiosidade de conhecer o Brasil e essa cultura e isso faz com que as pessoas procurem os cursos sobre o país. Durante quatro anos eu ministrei um curso na Polônia sobre relações raciais no Brasil e era extremamente procurado. Os livros que escrevi foram publicados em países como a Rússia, a França, Polônia e o México e isso aconteceu porque as pessoas se interessam pelo Brasil e pelos afro-brasileiros.

Afirmativa - Qual a sua ligação pessoal com as religiões afro?

José Flávio - Eu mantenho essa religiosidade pessoal separada da minha relação acadêmica. Meu pai freqüentava o Engenho Velho, que é considerado o terceiro mais antigo do Brasil e eu desde menino ia com ele. Quando resolvi estudar eu que sempre me interessei por cultura, resolvi estudar o ser humano e isso acabou me levando à antropologia, onde eu me interessei pelo estudo das religiões e em especial das religiões afro em nossa sociedade. É interessante saber que só em São Paulo existem hoje mais de 48 mil centros de umbanda e candomblé. Nesses lugares as pessoas são cuidadas em

suas individualidades e em suas raízes e ao mesmo tempo são curadas de suas dores.

Afirmativa - Como o senhor vê a iniciativa do Ministério da Educação em tornar o ensino da história africana e da história afro-brasileira como matéria obrigatória no currículo escolar?

José Flávio - A medida é extremamente correta, mas tenho medo de que esta lei seja mais uma lei que não pegue, que

A faculdade é nova
e merece todos os créditos
possíveis, as pessoas
devem apoiar essa iniciativa
que aqui é novidade, mas
nos Estados Unidos
é muito comum e que gerou
ótimos cursos.

fique só no papel. Cabe ao movimento social colocar os meios para que sejam formados professores e comunicadores competentes para que isso ocorra sem ação política, caso contrário será mais uma iniciativa sem resultado.

Afirmativa - E uma iniciativa como a da Faculdade Zumbi dos Palmares, a primeira faculdade negra da América Latina?

José Flávio - Vejo como algo extremamente importante. Pode-se inovar na questão do currículo, com matérias

diversificadas e profissionais específicos. E pode-se priorizar ações afirmativas que privilegiam e premiam a população afro-descendente.

Afirmativa - Considerando as inúmeras diferenças entre a população afro americana e afro brasileira, o senhor acredita que a Zumbi pode vir a ter o mesmo sucesso que as faculdades negras nos Estados Unidos?

José Flávio - A faculdade é nova e merece todos os créditos possíveis, as pessoas devem apoiar essa iniciativa que aqui é novidade, mas lá é muito comum e que gerou ótimos cursos. Para que essa qualidade seja confirmada é necessário que a população tenha conhecimento do que é a faculdade, quais seus objetivos, o que ela realmente poderá oferecer.

Afirmativa - Qual o melhor caminho para dar visibilidade a essa qualidade e qual seria a sua colaboração?

José Flávio - A faculdade precisa se fazer conhecer através de pesquisas, da extensão universitária e projetos e cursos que englobem a população em geral. Eu já me coloquei à inteira disposição e estou apto a colaborar em qualquer uma destas áreas.

Afirmativa - O senhor acredita que este projeto seria viável em outras capitais brasileiras?

José Flávio - Claro, o trabalho da maneira como vêm se desenvolvendo tem tudo para se estender aos outros estados e gerar excelentes resultados.

Parabenizo
a última edição da Revista
Afirmativa Plural pela sua qualidade e conteú-
do das matérias publicadas.

Marcelo Lobo
Advogado e Vice-Presidente Institucional do Estado de São Paulo – PSB

Ilustre e prezado Dr. José Vicente,

Cumprimentando-o cordialmente, tenho a satisfação de acusar o recebimento, com amável mensagem, de um exemplar da Revista Afirmativa Plural, bem como de fotos e de um pequeno relatório do resultado de mídia alusivos à entrega do “TROFÉU RAÇA NEGRA”.

Muito grato pela gentileza, apresento a V. Exa. a expressão de minha alta estima e consideração.

Ministro Cezar Peluso
Supremo Tribunal Federal

Prezada Senhora Editora,

Agradeço a gentileza da remessa da Revista Afirmativa Plural, número 5, a esta Procuradoria Regional do Trabalho da 3ª Região e informo-lhe que o exemplar recebido, que enfoca matérias de grande relevância social, será encaminhado à nossa biblioteca, após ampla divulgação para conhecimento dos Membros que atuam nesta Regional.

Cordiais cumprimentos.

Marizilda Geralda do Nascimento
Procuradora-Chefe da PRT / 3ª Região

artas

- Entrevista: Prof. Dr. José Flavio P. de Barrospág. 5

- Troféu Raça Negrapág. 10

- Reforma universitária: Edson Machadopág. 15

Educação

- Inclusão racial: Nelson Maculanpág. 18

Mercado de trabalho

- Diversidade com equidade: Jorgete Lemospág. 20

Matéria de capa

- Universidade Zumbi dos Palmares: Um ano de vidapág. 24

Consciência Negra

- 21 de Março: Dia Internacional de Luta Contra Discriminação Racialpág. 57

Cultura

- Agenda cultural: Rodrigo Massipág. 66

O Dilema da Nação: José Vicentepág. 77

ndice

Novo ano com grandes projetos

O ano de 2005 começou com novidades e boas notícias. A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, que tem a sua primeira Faculdade de Administração, em seu segundo ano, já teve um crescimento expressivo em número de alunos, passando de 200 no primeiro ano, para 600 em 2005. O crescimento é tão significativo que a faculdade teve que mudar para um novo Campus, maior, melhor estruturado, com espaços diferenciados para seu corpo docente.

E para comemorar as boas novas, a revista *Afirmativa Plural* traz como capa o novo prédio da

Faculdade, onde 85% dos alunos são negros, fato que não existe em nenhuma universidade do Brasil nem da América Latina. Realmente, uma conquista da comunidade negra paulista e do Brasil como um todo. Que essa iniciativa se repercuta por todo o País, para que mais negros possam ter acesso a Educação e, como consequência, uma vida melhor e mais participativa na sociedade.

Sem Educação não há Liberdade!

Boa leitura e Feliz 2005!

Francisca Rodrigues

Editora

ditorial

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, com periodicidade bimestral. Ano 2, Número 6 - Rua Marquês de Itu nº 70 - 5º andar - Vila Buarque - CEP 01223-000 Tels: (55-11) 3256-4562 - 3256-6545.

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e de Redação: Jornalista Francisca Rodrigues (francisca@afrobras.org.br - MTb. 14.845); Redação e Publicidade: Maximagem Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br)

Jornalistas: Zulmira Felício (zulmira.felicio@terra.com.br - Mtb.11.316), Telma Regina Alves (telma@afrobras.org.br - MTb - 14.943), Daniela Gomes (daniela@afrobras.org.br), Demetrius Trindade (demetrius@maximagemmidia.com.br) - Revisão Ana Luiza Biazeto - Fotografia: J.C.Santos e divulgação.



A revista *Afirmativa Plural* é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.



troféu

Raça Negra - 450 anos de São Paulo

A Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural - realizou em 12 de novembro de 2004 a entrega do "Troféu Raça Negra 450 anos de São Paulo", na Sala São Paulo (SP).



Abrindo a Semana da Consciência Negra, o evento estendeu o tapete vermelho a personalidades negras e não negras que contribuíram na luta contra a discriminação. Nos 450 anos de aniversário da cidade de São Paulo - em números absolutos a maior cidade negra do país com 3,3 milhões de habitantes dessa etnia - a Afrobras achou justo e indispensável registrar e exaltar a trajetória e atualidade da participação dos negros na construção do país chamado São Paulo, já que durante as comemo-

rações oficiais do evento, a contribuição da população negra foi deixada de lado. Luzes, rostos famosos, grandes nomes da nossa política se uniram para prestigiar a cerimônia. A premiação foi apresentada pela vice-presidente executiva da Afrobras e pela Miss Brasil 86 - Deise Nunes, a primeira negra a ganhar o concurso. A cerimônia foi iniciada com a apresentação do Hino Nacional pela Orquestra do Projeto Guri, que em seguida apresentou a canção Cangoma, canto de

domínio público. Após a apresentação admirada pelo público, as apresentadoras deram início à entrega do Troféu nas categorias institucionais, escolhidas pela comissão organizadora do evento. Estas categorias premiaram em primeiro lugar Edvaldo Mendes Araújo da Fundação Palmares, Diva Tié da comunidade quilombola de Pedro Cubas e Padre Toninho da pastoral afro da Achirópita. Seguidos do grupo Fundo de Quintal e Tobias da Vai-Vai. Com descontração e naturalidade,





personalidades do meio artístico e membros da Afrobras entregaram as homenagens nas categorias institucionais. Entre uma categoria e outra, a premiação foi marcada por forte emoção durante as apresentações de Simoninha e Léo Maia ao receberem os Troféus de Homenagens Póstumas em nome de seus pais Wilson Simonal e Tim Maia respectivamente. Simoninha foi aplaudido em pé ao cantar Tributo a Martin Luther King e Léo Maia lembrou do pai ao oferecer o prêmio às crianças de rua.

Outra homenagem póstuma

significativa foi feita pelos alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares Edson Luís Basílio e Tamira Ribeiro a Jonas Santanna, pai de Flávio Santanna, dentista assassinado por policiais.

A comissão organizadora entregou o Troféu, ainda na categoria institucional, às seguintes personalidades: os norte-americanos Joshep Beasley, Weldon J. Rougeau e Clarence O. Smith, Benedita da Silva, Governador de São Paulo Geraldo Alckmin e a primeira dama D. Lú Alckmin, Matilde Ribeiro (Ministra da

Igualdade Racial), Cláudia Costin (Secretária de Cultura do Estado de São Paulo), Ministro Joaquim Barbosa (STF), José Roberto Marinho (Rede Globo), os ministros do STF Cezar Peluso, Carlos Ayres Brito e Marco Aurélio Mello.

Mas a emoção não ficou só por conta das categorias institucionais. Durante as categorias eleitas pelo voto popular, cada entrega foi marcada por discursos emocionados e ovações por parte da plateia. Merece destaque o discurso do Senador Paulo Paim, eleito na categoria Carreira





Política. Paim comparou Flávio Santanna a Zumbi dos Palmares e exaltando a voz solicitou da platéia uma salva de palmas “não ao Senador Paulo Paim, mas a Zumbi dos Palmares e Flávio Santanna, pessoas cruelmente assassinadas pelo preconceito”.

A atriz Isabel Fillardis entoou um canto em yorubá em homenagem aos antepassados, a quem dedicou o Troféu. “É o primeiro prêmio que recebo em 12 anos de carreira e ele tem a minha cor, só posso dedicá-lo a quem veio antes de mim”.

Após a entrega das nove categorias eleitas pelo voto popular, que podem ser conferidas abaixo, o evento foi encerrado com apresentação do coral Unipalmares. Mas a noite de brilho só terminou durante a madrugada, após o jantar oferecido aos convidados pela Nestlé.

No sábado, 13, a Afrobras, juntamente com a revista Raça, promoveu a “Feijoada da Raça”, no Jaraguá Inn Hotel, que contou com a participação da maioria dos artistas presentes a entrega do Troféu e outros convidados, entre

eles, o cantor Jorge Aragão.
Eleitos pelo voto popular:

Cantor: Luis Melodia

Cantora: Luciana Mello

Ator: Rocco Pitanga e Lázaro Ramos

Atriz: Taís Araújo e Isabel Fillardis

Revelação: Adriana Alves e Preta Gil

Grupo Musical: Quinteto em Branco e Preto

Sambista: Leci Brandão

Carreira Política: Paulo Paim

Atleta: Daiane dos Santos





Política. Paim comparou Flávio Santanna a Zumbi dos Palmares e exaltando a voz solicitou da platéia uma salva de palmas “não ao Senador Paulo Paim, mas a Zumbi dos Palmares e Flávio Santanna, pessoas cruelmente assassinadas pelo preconceito”.

A atriz Isabel Fillardis entoou um canto em yorubá em homenagem aos antepassados, a quem dedicou o Troféu. “É o primeiro prêmio que recebo em 12 anos de carreira e ele tem a minha cor, só posso dedicá-lo a quem veio antes de mim”.

Após a entrega das nove categorias eleitas pelo voto popular, que podem ser conferidas abaixo, o evento foi encerrado com apresentação do coral Unipalmares. Mas a noite de brilho só terminou durante a madrugada, após o jantar oferecido aos convidados pela Nestlé.

No sábado, 13, a Afrobras, juntamente com a revista Raça, promoveu a “Feijoada da Raça”, no Jaraguá Inn Hotel, que contou com a participação da maioria dos artistas presentes a entrega do Troféu e outros convidados, entre

eles, o cantor Jorge Aragão.
Eleitos pelo voto popular:

Cantor: Luis Melodia

Cantora: Luciana Mello

Ator: Rocco Pitanga e Lázaro Ramos

Atriz: Taís Araújo e Isabel Fillardis

Revelação: Adriana Alves e Preta Gil

Grupo Musical: Quinteto em Branco e Preto

Sambista: Leci Brandão

Carreira Política: Paulo Paim

Atleta: Daiane dos Santos



Uma leitura inicial do anteprojeto de lei de reforma universitária deixa a impressão de que o ministro Tarso Genro está planejando, na realidade, uma profunda intervenção na organização do sistema federal de ensino superior – o qual, é bom lembrar, inclui tanto instituições federais como particulares – com acentuadas características de populismo e demagogia. Desde logo me impressiona como alguns dirigentes de instituições federais têm se manifestando favoráveis à proposta. A busca histórica por uma definição clara da autonomia das universidades parece ter uma resposta adequada no anteprojeto.

Isso não é novidade. Inúmeras vezes, no passado, tentou-se definir a autonomia, especialmente no que se refere à gestão orçamentária, financeira e patrimonial. Apesar dos esforços de vários ministros da Educação, essas tentativas sempre foram vetadas pela área econômica do governo federal.

Além disso, o próprio anteprojeto cria amarras e limites à autonomia. As universidades federais poderão definir seu estatuto, mas sujeito à aprovação do Conselho Nacional de Educação e homologação do ministro. Poderão elaborar seus planos de carreira do pessoal, mas “com observância dos planos de carreira nacional... com piso salarial assegurado... e ingresso exclusivamente por concurso público...”. Quem irá autorizar a realização dos concursos públicos e

definir o número de vagas?

Agora vejamos rapidamente o que o anteprojeto propõe em relação às instituições privadas. A primeira questão é a evidente tentativa de interferência nas entidades mantenedoras, ou seja, as entidades jurídicas, criadas pela sociedade civil, que se propõem a criar e manter instituições de ensino superior. Essas entidades mantenedoras são instituídas na forma da legislação que rege pessoas jurídicas de direito privado. Historicamente já se firmou a jurisprudência de que o MEC não tem competência nem poderes para interferir nessas entidades. Por exemplo, não pode regular como elas se constituem nem como elas se organizam, menos ainda sobre como elas gerem seus recursos.

Uma questão que permanece controversa é a interpretação do art. 209 da Constituição, que assegura a liberdade da iniciativa privada para atuar na educação, sujeita à observância das leis gerais do ensino e à autorização. O anteprojeto se refere várias vezes a autorização da entidade mantenedora para ministrar cursos: e como será tratada a entidade mantida, que é quem de fato vai oferecer os cursos? Há muito tempo a nossa legislação educacional mantém essa dualidade entre mantenedora e mantida, o que tem sido objeto de disputas judiciais nas quais o MEC nem sempre se sai bem.

A mantenedora é uma entidade jurídica

constituída, como o próprio anteprojeto prevê, segundo as normas do Código Civil, que não tem nada a ver com a legislação própria do sistema educacional. Qual a legislação que vai prevalecer? A exigência de que os conselhos e órgãos colegiados das entidades mantenedoras contêm “com a participação de pelo menos 30% de doutores ou profissionais de comprovada experiência educacional” é simplesmente estapafúrdia. E se a entidade mantenedora tiver outros objetivos

uitas questões ainda sem resposta

além do estritamente educacional de nível superior? Se ela tiver atividades mais relevantes na educação infantil ou no ensino fundamental do que no nível superior? Afinal, quem é mais competente para decidir quem é mais adequado para compor os colegiados da entidade mantenedora, ela própria ou o ministério?

Edson Machado foi membro do CNE e diretor do Departamento de Assuntos Universitários do MEC

Artigo publicado na revista Ensino Superior, ano 7 - nº 76 - jan. 2005

FZP: contribuição para igualdade e inclusão social



Igualdade e liberdade são valores inerentes à democracia e carregam significados complementares. A liberdade é uma qualidade essencial do indivíduo. Já a igualdade é um valor que se apresenta quando consideramos os indivíduos uns em relação aos outros, em seu convívio

social. Desse modo, é desafio de um Estado democrático conciliar liberdade e igualdade, assegurando a igualdade como garantia de liberdade a todos.

As modernas democracias, no entanto, concebem a igualdade sobretudo em seu

sentido material e não apenas formal, perante a lei. Ou seja, há que se garantir meios materiais para que a igualdade seja um dado da realidade. Essa igualdade material naturalmente se constrói com desenvolvimento econômico e é ela que vai garantir efetivamente a liberdade.

Trata-se de produzir desenvolvimento como liberdade, como conceituou o economista indiano Amartya Sen.

Nesse sentido, iniciativas como a Faculdade Zumbi dos Palmares, que comemora seu primeiro ano de existência, são fundamentais.

O governo de São Paulo tem entre suas prioridades assegurar a igualdade material dos indivíduos, por meio de medidas de inclusão social em todos os níveis no Sistema Paulista de Educação, inclusive no ensino superior.

Ações afirmativas tendentes à inclusão social na universidade pública estão sendo adotadas pelo governo estadual. Ou seja, busca dar um tratamento proporcionalmente desigual para indivíduos que se encontrem em diversa situação econômica, de modo a igualá-los. Além disso, o governo trabalha seriamente para garantir alternativas de sucesso pessoal e profissional para aqueles que busquem outro tipo de formação profissional.

No ensino superior, há que se buscar corrigir desigualdades, oferecendo preparo adequado a todos e aperfeiçoando mecanismos de vestibulares, sem abrir mão do critério de mérito acadêmico. Nesse sentido, é exemplar a experiência iniciada pela Universidade de Campinas, UNICAMP, com um sistema de pontos extras.

Para a segunda ordem de ações de

inclusão social via sistema educacional, é preciso valorizar quem opta por formação profissional de caráter técnico ou tecnológico. Essa é a educação vocacionada para o trabalho, aderente à demanda do mercado, tão importante para o desenvolvimento nacional como a educação acadêmica. No entanto, há ainda grande defasagem dos números do ensino profissional em relação aos números do ensino acadêmico.

Urge alterar essa realidade. Temos que educar em resposta às necessidades do mercado. Ampliar a oferta de vagas no ensino técnico e tecnológico é tarefa prioritária do governo de São Paulo. Voltado para educar para o trabalho, o ensino tecnológico é fundamental instrumento de inclusão social. Os dados estatísticos mostram a carência de tecnólogos versus o excesso de bacharéis, cujas vocações e atuações são diversas e complementares.

A criação da Faculdade de Administração Zumbi dos Palmares é exemplar. Trata-se de uma ação participativa dos afro-descendentes, do governo e da sociedade para criar nova janela de oportunidades para segmentos da população ameaçados de marginalização no processo de desenvolvimento social. O modelo criado estabelece novo ambiente de colaboração e acerta tanto ao estabelecer mensalidades equivalentes a um salário mínimo quanto ao imprimir caráter humanista em seu curso. Mais: aponta um caminho ao apresentar o diferencial da garantia mínima de

empregabilidade, com diferentes projetos. Ou seja, coloca em prática os pressupostos de início enunciados: a igualdade como meio de se garantir liberdade para todos; e a liberdade, como valor central dos direitos humanos.

O modelo adotado pela Faculdade Zumbi dos Palmares é o embrião de um processo evolutivo que atende não apenas afro-descendentes, mas também parcelas significativas de outros segmentos da sociedade que enfrentam com coragem as pressões de um mercado de trabalho exigente em conhecimento. As portas para o templo do saber se abrem para jovens que buscam oportunidades de incorporação no sistema produtivo, que buscam a qualidade de vida fruto do desenvolvimento como liberdade. É um exemplo de dedicação de pessoas, em especial da comunidade de afro-descendentes – entre as quais se destaca o Dr. José Vicente –, movidas pelo ideal democrático sem exclusão, baseado na esperança de um mundo melhor.

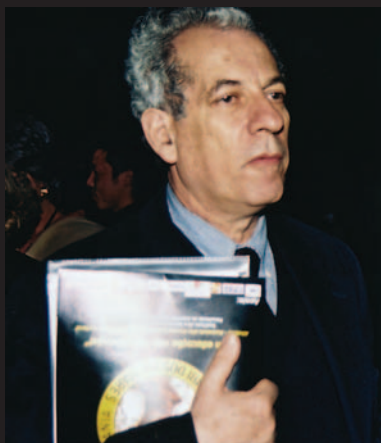
Esses casos concretos de inclusão social via sistema educacional mostram como é possível alcançar o desenvolvimento com liberdade e igualdade.

Lourival Carmo Mônaco
Secretário Executivo de Ciência e Tecnologia

Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento
Econômico e Turismo do Estado de São Paulo

Ao focar ações afirmativas
como processo de enfrentar o racismo
é importante enfatizar que estamos dirigindo nossas ações
no sentido de aprimorar o sistema democrático brasileiro.
A sociedade civil, a comunidade acadêmica e o governo
aceleraram e aprofundaram, na última década, os estudos
e os debates sobre as desigualdades sociais,
econômicas e étnico-raciais.

Inclusão Racial na Educação Superior



A prioridade é solucionar, de maneira concreta, a questão da exclusão social. A definição, clara e objetiva, é a formulação de políticas públicas de combate à discriminação, preconceito e o racismo. Negros e indígenas não de ser incluídos socialmente e para isso as políticas públicas devem ser orientadas pelo entendi-

mento de que não é suficiente resolver os problemas da desigualdade social e econômica para que se conquiste a inclusão étnico-racial.

Não podemos esquecer que para além da exploração e espoliação econômica, impõe-se a garantia dos direitos humanos dos oprimidos pela exclusão.

Restaurar a auto-estima, a dignidade, a integridade da memória cultural, física e psicológica dos negros e indígenas, deve ter origem nas ações políticas, econômicas, sociais e jurídicas. Promover o resgate do patrimônio cultural, artístico e religioso e a ascensão sócio-econômica e educacional é fundamental para destruir o comportamento criminoso do racismo e da exclusão social.

É do entendimento da Secretaria de

Educação Superior -SESu/MEC que as políticas de ações afirmativas para o ensino superior devem não só incluir a diversidade étnico-racial nos seus bancos, como também agregar e revisar o conhecimento acadêmico gerado e reproduzido em nossas universidades, para que se valorize as experiências sociais de outros protagonistas da história do Brasil. Novos saberes e fazeres que serão capazes de superar a homogeneização elitista, restabelecendo ou estabelecendo o espírito humanista de nossa universidade.

Nelson Maculan, Secretário de Educação Superior do MEC, membro titular da Academia Brasileira de Ciências, membro titular da Academia Nacional de Engenharia, membro titular da Academia Europeia de Ciências, Artes e Humanidades, Professor titular e ex-reitor da UFRJ

A Primo Rossi acredita que capacitar os povos inseridos em reservas e parques, possibilitará a preservação da biodiversidade e a perfeita utilização dos seus recursos naturais de forma sustentável.

Apoiamos esta idéia.

1º projeto: Comunidade Quilombola de Cambury (SP)

Localizado nos Parques da Serra do Mar e Bocaina

As comunidades Quilombolas contém heranças culturais, cuja memória devemos estimular trazendo benefícios e trocas futuramente a todos nós.

Faça parte.



www.primorossi.com.br



Um dos artigos que mais chamou a minha atenção no primeiro mês do ano foi o publicado no dia 1º, no jornal DCI, com o título: "Combate à discriminação no trabalho será intensificado".

Nesse artigo, a procuradora-geral do trabalho, Ministério do Trabalho (MPT), Dra. Sandra Lia Simon, informava que o combate à discriminação racial e ao gênero norteará as atividades do MPT em 2005.

iversidade no trabalho, com equidade

Esse combate à discriminação ocorrerá a partir da denúncia sobre a ocorrência da discriminação no trabalho, desencadeando a ação dos procuradores que verificarão a veracidade das informações, por meio de requisição de documentos e de inspeções.

Havendo a constatação da procedência da denúncia, "o MPT oferecerá às empresas a possibilidade de realização de acordo e assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)".

Este ajustamento passa pela adoção das chamadas ações afirmativas – há muito são praticadas pelos países do Leste Europeu e EUA – ou pelo tratamento

assimétrico, termo adotado por Carlos Lopes, secretário-geral da ONU, coordenador da sede brasileira do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Quantas de nossas empresas estarão imunes a esta autuação?

Nos últimos 15 anos, as empresas passaram por uma evolução significativa a partir da Qualidade Total e, mais recentemente, da Responsabilidade Social Empresarial (RSE). Contudo, o percentual de empresas padrão quanto ao exercício da RSE ainda é muito pequeno se confrontado ao universo de empresas

de todos os portes, em nosso país.

Responsabilidade Social é propriedade de cada indivíduo para consigo mesmo e para com o coletivo. É, antes de tudo, uma atitude que não pode ser simplesmente implantada nas organizações. É algo que na sua parte intangível precisa ser enraizado em cada indivíduo e que, para tal, requer identidade entre valores organizacionais e individuais e somente é efetivada a partir da sua materialização. Não é utopia.

Uma trajetória no mercado de trabalho

Como exemplo da lentidão da erradi-

cação das práticas discriminatórias no trabalho, cito a minha trajetória profissional.

Ainda estudante, cursando o último período do 4º ano do curso de Serviço Social, fui indicada pela Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro, na qual estudava, para concorrer a uma vaga de estagiária em Serviço Social, disponibilizada pela Souza Cruz. Participei de todo o processo, fui aprovada nos testes seletivos e a última etapa era a entrevista com o gerente geral da unidade (vendas, Rio de Janeiro) que, ao ver que "Jorgete" era uma negra, perguntou: "A senhora sabe que nós não temos negros aqui?". E continuou: "se a senhora der problema, já sabe!..."

Ingressei na Souza Cruz e fui a primeira estagiária do Serviço Social na área de vendas, no Rio de Janeiro. Cumpri a minha missão, ganhei amigos, inclusive o próprio gerente, parceiros de trabalho e iniciei a minha "marca" profissional em uma empresa multinacional, de grande porte.

Findo o estágio, respondi a uma chamada da mesma Souza Cruz, que oferecia a oportunidade de colocação para uma vaga na função de assistente social. Participei do processo, fui admitida (1972) e em menos de dois anos após, eu já era a Coordenadora Regional de

Serviço Social da Souza Cruz (MG, DF, ES), onde permaneci até 1980.

Após a saída da Souza Cruz, comecei a participar de processos seletivos no estado de São Paulo para duas empresas; uma na cidade de São Paulo e outra em Ribeirão Preto.



O processo de admissão para a empresa em Ribeirão Preto caminhou mais rapidamente e após ser aprovada em todos os testes seletivos, eis que chega o momento da entrevista com o gerente... E pela segunda vez, ouvi a expressão de contrariedade: "Jorgete é a senhora?".

Permaneci nessa empresa em Ribeirão Preto durante sete dias e, nesse período, sequer pediram a minha carteira profissional para ser assinada.

Nesse período, recebi o chamado da Copersucar, a outra empresa na qual estava participando de processo seletivo,

e mudei para a cidade de São Paulo, vindo a ser a primeira negra a ocupar um cargo de gestão na administração, permanecendo lá por nove anos, na implantação e coordenação da área de Serviço Social no grupo Copersucar, Cia. União dos Refinadores de Açúcar e Café e Refinaria Piedade-RJ, atuando nas unidades situadas nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro.

A partir de 1990, iniciei a minha carreira como consultora organizacional e nesta atividade mantenho relacionamento direto com dirigentes de empresas de todos os portes, nacionais e multinacionais, públicas e privadas, atuando nos segmentos de

Consultoria de Gestão e Organização, focados nos princípios da Responsabilidade Social Corporativa.

Jorgete Lemos

vice-presidente de Responsabilidade Social na ABRH Nacional - Associação Brasileira de Recursos Humanos

Tudo começou como um *hobbie*, mas a propaganda boca a boca, as exposições em clubes, igrejas e escolas fizeram com que o negócio crescesse e hoje a professora aposentada resolveu se tornar empresária. Começou a fazer cursos de empreendedorismo e administração como forma de estruturar melhor o seu negócio.





Falamos de uma das mais procuradas estilistas afro-brasileiras Maria do Carmo Moura. “Nunca me envolvi com o movimento negro e nem me preocupei muito com esse assunto. Depois que me aposentei, resolvi fazer um curso de artesanato e pintura em seda. A partir daí, ganhei uma nova profissão.”

Ainda no curso de artesanato, Marisa conheceu duas colegas da Igreja Achiropita que a convidaram para participar de um desfile de moda na Semana da Consciência Negra. “Elas foram ver mais peças do meu trabalho e disseram que eu tinha um estilo totalmente afro. Depois que participei do desfile, interessei-me pelo assunto, fiz muitas pesquisas, assisti palestras e vídeos, li muitos livros e comecei a fazer realmente um trabalho totalmente direcionado para a linha afro”, diz Marisa.

E foi a partir desse desfile que seu trabalho começou a ganhar visibilidade e ela

começou a participar de exposições, bazares e desfiles. Atualmente, Marisa, que trabalha em casa com mais duas pes-



soas auxiliando-a, produz cerca de 20 a 25 peças por mês de roupas e de 30 a 40 de bijuterias e já foi indicada na revista *Veja*, uma das maiores revistas semanais do Brasil, como referência no estilo afro.

Como o trabalho é artesanal e não gosta de repetir modelos, Marisa ainda não aceita encomendas de lojas. Mas isso já está mudando, pois Marisa percebeu que o seu negócio cresceu e que precisa estruturar uma empresa e estar mais preparada para aproveitar as oportunidades que surgem.

Por exemplo, foi ela que produziu todos os acessórios e roupas do concurso *Beleza Negra*, Domingo da Gente, na TV Record. “Trabalhávamos de 10 a 12 horas para cumprir os prazos. Se eu estiver mais estruturada, com certeza, poderei atender melhor”, analisa a empreendedora.

O sonho de Marisa, que usa pedras e sementes brasileiras em suas peças, principalmente da Amazônia, é montar uma oficina artesanal, onde possa trabalhar e ao mesmo tempo reciclar e capacitar outras “artistas” nessa área.

Contato Marisa Moura: (11) 3981-1672

empreendedora do estilo afro

Novo Campus Unipalmares

Qualidade dá o tom às mudanças

Mesmo não tendo onde se espelhar – nas universidades da rede pública ou privada –, a Faculdade de Administração Zumbi dos Palmares, a primeira do projeto da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, cresceu e muito, no decorrer do seu primeiro ano de existência. Das três turmas iniciais do curso de Administração, com seus 200 alunos, o número já é de 600, 85% afro-descendentes. Se significativo é o crescimento quantitativo, a Unipalmares tornou-se referência de uma proposta educacional diferenciada que busca, além da informação, a formação de pessoas para a vida, para o mercado de trabalho, para a cidadania e para a comunidade afro-brasileira, o verdadeiro papel dessa Faculdade.

“O aluno bem sucedido não renega as suas raízes, mas impute a ela o sucesso e

isso, por si só, já é um grande desafio”, ressalta a professora Cristina Jorge, diretora de Graduação e Extensão e Projetos do Instituto Afro Brasileiro, que inclui a direção da Unipalmares. “Chega de debruçar-se e analisar a sociedade, é preciso modificá-la”, frase de um sociólogo citado por Cristina Jorge na cerimônia de inauguração do novo campus da faculdade, à rua Washington Luiz, no bairro da Luz, em São Paulo, no dia 27 de janeiro. O novo prédio tem capacidade para 2.000 alunos. Além do curso de graduação da Faculdade de Administração, a nova

sede abriga os cursos comunitários pré-vestibular, de inglês e alfabetização de adultos (Brasil Alfabetizado).

“Ficou evidente que nós podemos construir esse país”, reforçou José Vicente, presidente do Conselho de Fundadores da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural – e superintendente do Instituto Afro Brasileiro de Ensino Superior, mantenedor da faculdade durante o evento que apresentou às autoridades – políticas e religiosas – e aos demais convidados as novas instalações, distribuídas em 3 mil m². Destacou como um dos maiores



UNIPALMARES



www.unipalmars.com.br

apoiadores desse trabalho o Governo do Estado de São Paulo, através do governador Geraldo Alckmin, a Unip – Universidade Paulista, através do professor João Carlos Di Genio, e as várias parcerias (com o aporte financeiro e político da iniciativa privada) que a Afrobras e o Instituto mantêm e que viabilizam novas frentes de atuação.

Em se tratando de funcionários e do corpo técnico, o aumento foi de 50%, gerando 50 empregos diretos. Esses números indicam que a Unipalmares está no caminho certo. Uma forma alternativa de conduzir essa experiência de valorização do negro.

O projeto da Faculdade Zumbi dos Palmares é único no Brasil e tem como objetivo e missão mudar a cara da educação no País, declara José Vicente. “A FAZP é um projeto que vai formar cidadãos, com caráter humanista. Não queremos só formar um estudante comum. Queremos participantes de um projeto único, que o aluno saia daqui com uma visão diferente, aberto para o mundo, querendo mudá-lo. Nosso interesse é discuti-lo”. O aluno da Zumbi dos Palmares será um cidadão completo, com formação acadêmica, prática e teórica, mas também com uma formação de vida que inclui a vivência com a sua comunidade e, ao mesmo tempo, com a diversidade. Todos os alunos têm 50% de bolsa. Este valor – apenas um salário mínimo – é

possível em função do formato operacional que é o *pool* de parcerias públicas e privadas. A Faculdade tem caráter comunitário e, por conseguinte, não tem fins lucrativos. “Nossa missão é garantir acesso à educação superior para um número crescente de afro-descendentes, já que são 46% dos brasileiros ou 80 milhões, mas que representam apenas 3% da população universitária. Por este motivo, 100% dos alunos recebem bolsas de até 50% da mensalidade”, informa Vicente.



Os alunos têm acesso a disciplinas diferenciadas como Ética e Cidadania e, dentro do Núcleo de Estágio, Ética no Mundo (terceiro semestre), A Contribuição do Negro para a Cultura Brasileira (quarto semestre), além do curso de inglês com metodologia do Alumni que prepara o aluno para o Inglês Técnico.

A Unipalmares trabalha aspectos históricos, políticos e educacionais com formatos próprios, incluindo novos espaços e instrumentos que vão contribuir para que se cumpra com profundidade o

ensinamento às turmas de alunos, hoje além de afro-descendentes, composta também pelas raças branca e amarela. Com a missão de despertar o lado empreendedor do futuro profissional, a Faculdade está criando espaços modelos, embriões na área empresarial: um Centro de Estética, que inclui um salão de beleza e uma academia. Essas empresas juniores irão trabalhar tanto a gestão administrativa, como a valorização da auto-estima da comunidade afro-descendente. “Para a academia laborato-

rial de gestão de lideranças desenvolve-se um projeto, utilizando os fundamentos da capoeira, que reproduz todos os instrumentos necessários ao empreendedorismo, como defesa, reconhecimento da hierarquia, auto-disciplina, capacidade de gerir e de ataque”, destaca Vicente.

Um outro projeto entre a Secretaria da Cultura, Unipalmares e Associação Brasileira de Belas Artes é a instituição de um Centro de Documentação e Referência do Negro (CEDOC), que reunirá desde documentos às peças históricas e já aprovado na Lei Rouanet para as empresas que quiserem investir em cultura receberem a isenção de imposto. “A partir da criação desse Centro, objetivamos permitir ao aluno o acesso às informações de modo que ele crie, cada vez mais, um compromisso com a comunidade, com seus valores e com a sua raça”, finalizou Vicente.

Diferencial da Zumbi dos Palmares: O aluno realiza suas utopias.

O grande diferencial da Faculdade Zumbi dos Palmares consiste na constituição de uma faculdade de excelência, com formação humanística do Administrador - Administração é o primeiro curso da faculdade -, distanciando-se da visão meramente tecnocrática. “O aluno da FAZP tem a oportunidade de realizar suas utopias e não apenas fazer um simples curso de administração”, observa Vicente.

A Faculdade oferece apoio ao estudante com Laboratório de Reforço Extracurricular nas matérias: Português, Matemática, Inglês e Informática; um Centro de Apoio Pessoal com psicólogo, assistente social, orientador educacional e orientador profissional.

No currículo, outro diferencial é a transversalidade, com a centralização de foco nas matérias básicas, como por exemplo, nas

matérias Comunicação e Expressão são tratados a língua e a cultura. Na Sociologia, a relação racial e não só de classe; no Direito, a justiça e igualdade e na Filosofia, a ética, a isonomia e a equidade.

O aluno da FAZP também tem a oportunidade de um treinamento prático através dos intercâmbios internacionais firmados entre a Faculdade e outras instituições; cursos de extensão *strito* e

latu sensu; cursos de capacitação e qualificação pessoal e a Feira de Negócios, realizada pela Afrobras em parceria com empresa privada. Já a partir do ano letivo de 2005, será lançado o primeiro curso de pós-graduação, especialização em Administração Hospitalar, tendo como parceiro para as aulas práticas (estágio supervisionado) o Hospital Nossa Senhora do Paraíso.



Outro diferencial para o aluno é a fonte de garantia mínima de empregabilidade, uma vez que a Afrobras já conta com uma Agência de Emprego Modelo, a Afro Work; está montando uma Cooperativa de Trabalho e firmou diversos convênios para *trainees* e estágios com as iniciativas pública e privada. Outra parceria de peso, com a finalidade de promover o intercâmbio de capacitação e qualificação de professores

e alunos, é com o Consórcio de Mississippi para o Desenvolvimento Internacional, que reúne quatro universidades negras norte-americanas e, no Brasil, além da Zumbi dos Palmares engloba entre outras, a Unesp – Universidade Estadual Paulista e a Uneb – Universidade Estadual da Bahia.

Recentemente, foi firmado um contrato de parceria com a Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho de São Paulo (SERT) e com o SEBRAE/SP para elaboração de estudos, pesquisas e programas de capacitação profissional no segmento de produtos e serviços do arranjo setorial de negócios afro-étnicos. O objetivo é proporcionar a capacitação dos alunos da Zumbi dos Palmares em Associativismo, Cooperativismo e Empreendedorismo. As equipes das três instituições envolvidas já estão em fase de desenvolvimento dos projetos

nas áreas de capacitação, especialmente do programa Jovens Empreendedores, que serão implantados na Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares e atenderão não só os alunos, mas a comunidade, atingindo 3.000 jovens. Além disso, estão previstas ações de orientação nas áreas de gestão empresarial e associativismo.



Momentos d





a inauguração



Ao completar um ano de vida, a Zumbi dos Palmares realizou duas cerimônias de comemoração. Em 20 de novembro, dia de seu aniversário, a faculdade recebeu artistas e personalidades, entre eles Sandra de Sá e Rocco Pitanga. Na inauguração do novo campus, em 27 de janeiro, estiveram presentes o presidente do TRE, Álvaro Lazarini, Susana Rangel, consultora educacional, Célia Domingues, coordenadora de projetos especiais da Mangueira, Laura Laganá, diretora superintendente do Centro Paula Souza, Julio Peña, Cônsul do Uruguai, Maria Estela Correa, Consulado dos Estados Unidos, entre outros.

“A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é uma das experiências mais inovadoras do ensino superior do País. Uma universidade para atender uma minoria, organizada pela Afrobras - entidade do segmento -, que mostra competência para crescer. Esta experiência deve servir de exemplo de inclusão de oportunidades, para a população brasileira ter acesso ao ensino superior. Enquanto no ano de 2004 observou-se uma



diminuição de alunos em busca de cursos superiores, a Zumbi dos Palmares mostrou uma expansão, o que prova que ela veio para preencher uma lacuna. É grande a minha admiração pela Zumbi dos Palmares e sempre me surpreendo com a capacidade empreendedora da Afrobras em gerir esse projeto.”

Paulo Renato Souza, ex -Ministro da Educação

“Estou muito satisfeita e emocionada com o crescimento da Zumbi dos Palmares. Eu, que acompanhei desde o início, lembro das dificuldades enfrentadas sob o ponto de vista de instalações físicas. Hoje, passados quase dois anos, a faculdade cresceu e consolidou-se em curto espaço de tempo. Fico contente em estar presente na inauguração do novo prédio e ver a ampliação do número de vagas e a nova biblioteca. A Zumbi dos Palmares tem um projeto acadêmico bom e inovador que se preocupa com os jovens, na condição de prepará-los para o mercado de trabalho. A faculdade tem um campo grande de expansão pela frente com cursos em novas áreas, cumprindo a sua função social.”

Susana Regina Salun Rangel, Consultora educacional

“É a realização de uma instituição que tem o objetivo de resgatar a auto-estima e a cidadania e, dentro dessa finalidade, integra afro-descendentes, brancos e amarelos numa mesma sala de aula. Nesta casa de ensino, os brasileiros são recebidos por afro-descendentes. Como presidente do Tribunal Regional Eleitoral e como cidadão brasileiro, aplaudo a Afrobras por esta iniciativa.”

Álvaro Lazarini, Presidente do TRE do Estado de São Paulo

“Se não houvesse demanda, não haveria necessidade de ampliar as instalações da faculdade, comprovando que o não favorecido tem direito à oportunidade, porque também quer crescer. O maior crescimento que o ser humano pode ter, além do espiritual, é a educação. Com certeza, daqui a algum tempo, a Unipalmares vai ter que expandir suas instalações novamente.”

Célia Domingues – Coordenadora de Projetos Sociais da Mangueira

“Espero tão ansiosamente por essa expansão que me sinto andando nas nuvens, tal a graça recebida de poder viver esse momento de êxtase. Esse encami-nhamento para o sucesso do afro brasileiro é a prova do amor do coração e do trabalho de muitas pessoas.”

Maria do Carmo Valério, Empresária do Espaço Cor da Pele, Muene

“Não existe nação sem a valorização dos seus componentes. O crescimento da Zumbi dos Palmares é o próprio crescimento da população brasileira. Assim como a faculdade, a União Cultural é uma fundação que visa integrar os povos; e um dos meios de proporcionar essa integração – Brasil e Estados Unidos – é através do curso de Inglês. Juntos, União Cultural e Zumbi dos Palmares, com concessão de bolsas de estudos, caminharemos para alcançar e promover a cultura e a integração de nossa população.”

Enio Arantes, presidente da União Cultural Brasil Estados Unidos

“A maior instituição técnica educacional da América Latina, o Centro Paula Souza, passou por uma ampla reforma que hoje permite não só aos jovens o acesso ao ensino, mas também aos alunos de outra faixa etária que outrora não tinham essa oportunidade. Agora, o Centro viabiliza assinar um convênio com a Zumbi dos Palmares e implementar cursos técnicos profissionais com qualificação básica, para preencher todas as instalações da faculdade ociosas durante o período diurno. São Paulo tem demanda por qualificação profissional e técnica e juntos – Centro Paula

Souza e Zumbi dos Palmares – poderemos suprir.”

Prof^a. Laura Laganá –Diretora Superintendente do Centro Paula Souza

“Como cônsul do Uruguai, vejo o quanto a Afrobras e o José Vicente têm prestígio junto às autoridades governamentais deste País e também na comunidade negra. Isso demonstra o quanto a Zumbi dos Palmares ainda deverá crescer.”

Julio Cesano Peña - Cônsul do Uruguai

“A expansão permite o aumento do número de alunos que poderão ocupar a faculdade e, no futuro, ser incluídos no mercado de trabalho de forma mais justa e igualitária. Fundamentalmente, o afro brasileiro tem acesso à cidadania plena, através da oportunidade da educação de qualidade, trabalho bem remunerado, saúde e lazer como todo e qualquer cidadão. O Consulado Geral dos Estados Unidos apóia a iniciativa, através da promoção do diálogo entre brasileiros e americanos de temas relacionados às questões raciais e a inclusão da diversidade na sociedade brasileira, da mesma forma como tem acontecido historicamente nos Estados Unidos.”

Maria Estela Correa, Consulado Geral dos Estados Unidos da América

“Esta fase de desenvolvimento da Zumbi dos Palmares é o resultado do trabalho de gerações que se sucederam e que lutaram através de décadas. Nesse momento de grande realização, a Unipalmares é uma referência básica para a busca da cidadania do negro, através do ensino, da conscientização e do poder político. É uma realização coletiva, mesmo porque não há sucesso individual. Os meus sinceros parabéns e votos de gratidão aos organizadores dessa faculdade que é uma caminhada decisiva para a concretização dos objetivos para uma nação que deve aproveitar a fé, a imaginação e o talento da raça negra.”

Deputado Adalberto Camargo



epoimentos



ice-Governador
de São Paulo
ministra
aula magna
na Unipalmare

O auditório do Sesc, no andar térreo do prédio da Fiesp – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, foi pequeno para acomodar todos os alunos e convidados que lá se reuniram, no dia 2 de fevereiro, para assistir a aula magna proferida pelo vice-governador de São Paulo, Prof. Dr. Cláudio Lembo, a pedido do próprio governador Geraldo Alckmin que, por compromissos inadiáveis, não pôde estar na aula magna de abertura do ano letivo da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

“Nesse início de ano letivo, vivemos uma data bastante festiva. O líder Zumbi deve estar feliz. O grande valor do ser humano é a liberdade e a raça negra brasileira foi a que mais sofreu pela falta de liberdade”, lembrou Lembo. “O projeto da Zumbi dos Palmares é tão novo e notável que só poderia ser realizado pelo negro de São Paulo; uma cidade com características especiais (...). A faculdade para negros também recebe outras etnias (...). Na Zumbi dos Palmares os alunos vão estudar Administração e como gerir negócios para que possam ter acréscimo na

estrutura social”, disse o professor.

Durante a aula magna, o vice-governador Cláudio Lembo abordou o tema das cotas, para que continue sendo analisado e discutido pela comunidade. Do mesmo modo, fez questão de enfatizar a preocupação do governador, Geraldo Alckmin em promover o acesso aos afrodescendentes ao ensino superior.

Durante o evento, José Vicente, Superintendente do Instituto Afro Brasileiro de Ensino Superior, e Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, Secretário de Estado da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, divulgaram um projeto conjunto, inclusive, com a participação do Sebrae, para a capacitação de três mil alunos, futuros empreendedores. Na mesma linha, Valéria Veiga Riccomini, da gerência de Relações Humanas e Integração das Pessoas do Banco Itaú, discorreu sobre o novo projeto de inclusão no mercado de trabalho que irá complementar o ensino na prática, pois os alunos da faculdade serão encaminhados para as diversas áreas do banco. Na ocasião, também foi ressaltada a parceria com o Centro Técnico Paula Souza, que visa imple-

mentar cursos técnicos profissionais com qualificação básica.

A mesa de abertura dos trabalhos da aula magna foi constituída de diversas autoridades, dentre elas: Prof. Dr. Cláudio Lembo, vice-governador do Estado de São Paulo; Dr. Flávio Luis Jardim Vital, assessor da presidência da Fiesp; Dr. José Vicente, superintendente do Instituto Afro Brasileiro de Ensino Superior; Dr. Francisco Prado de Oliveira Ribeiro, Secretário de Estado da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho; embaixador Jádriel Ferreira de Oliveira, do Ministério das Relações Exteriores; vereadora Claudete Alves;



Rosângela Ludovico, Fundação Roberto Marinho; antropólogo Prof. Dr. José Flávio Barros, ex-diretor da UERJ; cônsul Julio Cesano Peña, Consulado do Uruguai; Valéria Veiga Riccomini, gerência de Relações Humanas e Integração das Pessoas do Banco Itaú; Eliza Martins, presidente do Conselho da Comunidade Negra-SP; Prof. Cristina Jorge, Diretora de Graduação e Extensão e Projetos do Instituto Afro Brasileiro e o aluno Raimundo Alves Bento, representando os demais colegas da Unipalmares.



Condoleezza Rice, a nova Secretária de Estado dos Estados Unidos é a primeira mulher afro-americana a ocupar este cargo. No entanto, tenho observado que em meio a todo o debate em torno da avaliação de sua qualificação para ocupar a destacada posição, pouco ou nada tem se falado ou escrito a respeito desta condição. Na mídia, pouco se falou sobre tópicos como raça e gênero.

força do
precedente

Em contraste, quando das nomeações de nossa primeira secretária de Estado, Madeleine Albright, e de nosso primeiro secretário de Estado afro-americano, Colin Powell, houve considerável discussão sobre a natureza de suas conquistas precisamente porque eles foram pioneiros.

Pergunto-me, então, por que no caso de Condoleezza Rice se enfocou tão pouco os aspectos de raça e gênero, privilegiando em seu lugar discussões sobre a pessoa escolhida para o cargo? Acredito que isto seja fruto da força dos precedentes.

Os primeiros passos são sempre os mais difíceis. Para se atingir uma meta pela primeira vez, leva-se anos, décadas, às vezes um século de esforço e trabalho. No entanto, uma vez quebrada a barreira, ela estará eliminada para sempre. Não há volta. Daí a importância e a necessidade do trabalho que resultará no primeiro e pioneiro sucesso.

O Brasil e os Estados Unidos compartilham muitas semelhanças. Os dois têm grandes populações afro-descendentes. Em ambos os países as populações de afro-descendentes não constituem grupos isolados, mas sim comunidades nacionais que são parte integral dos tecidos que compõem as duas sociedades.

Afro-americanos e afro-brasileiros têm contribuído de forma significativa para o desenvolvimento de seus respectivos países. No entanto, os dois grupos, vistos de forma geral, permanecem em

desvantagem econômica.

Por outro lado, nos dois países a luta pelos direitos civis levou à derrubada de barreiras e ao estabelecimento de novos padrões. Telhados de vidro que nos pareciam inquebráveis foram estilizados. Esta quebra de velhos paradigmas e a criação de cada novo precedente liberta os que se encontram tolhidos, dando-lhes a oportunidade de exercer ao máximo seus talentos e capacidades em benefício de todos.

Os secretários de Estado Albright, Powell e Rice estabeleceram precedentes, e eu estou certo de que a Zumbi dos Palmares também é um exemplo da força do precedente. A criação da Universidade Zumbi dos Palmares forjou novos padrões em relação ao acesso à formação superior para afro-brasileiros. É uma daquelas vitórias pioneiras e resultou da luta de seus fundadores para lidar com os diversos fatores que têm dificultado uma participação maior dos afro-brasileiros no sistema de educação superior.

Os esforços e feitos de grupos e organizações como a Zumbi dos Palmares, que abrem novos caminhos, estabelecendo novos precedentes e padrões, não deixam espaço para retrocesso. Estas realizações pioneiras passam a ser o novo padrão, a norma.

O Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo tem muito orgulho em cumprimentar a Zumbi dos Palmares

por esta realização, e se junta a todos nesta comemoração. No decorrer do ano passado conduzimos juntos programações que incentivaram a troca de conhecimento e experiências entre alunos, administradores e acadêmicos da Zumbi dos Palmares e de universidades dos Estados Unidos.

Apoiamos programas como o intercâmbio com alunos das faculdades americanas, Morehouse e Spelman – ambas historicamente caracterizadas como instituições de/para afro-descendentes. Intermediamos, ainda, a visita da professora Kimberle Crenshaw da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e da senadora Paulette Irons do estado da Louisiana. Houve também a ida de professores da Zumbi aos Estados Unidos para visitar e conhecer melhor nossas universidades.

Saúdo a Zumbi dos Palmares pelo primeiro aniversário, almejando muitos anos mais de trocas acadêmicas e culturais entre nós, à medida que seus alunos, professores e administradores continuarem a superar barreiras, estabelecer novos precedentes e definir novos padrões de excelência.



*Patrick Duddy,
Cônsul Geral
Consulado Geral dos
Estados Unidos em São
Paulo*

caminho da liberdade passa pela educação

Quando os muros altos da intransigência se apresentam, nossa indignação nos leva a enfrentá-los de peito aberto. Contudo, a pouca força individual tem quase nenhuma resistência frente à coerção de uma sociedade desigual. Prefiro acreditar na construção coletiva de uma comunidade consciente e organizada, capaz de criar as janelas e portas da compreensão e de levar à verdadeira cidadania para todos os brasileiros.

Há uma energia mais forte capaz de romper com os limites que nos separam da liberdade: a educação. Livros no limiar da cultura superam muros e levam luz de parte a parte – a luz que ilumina as iniciativas mais sólidas e se configura como o farol sobre as barreiras a nos orientar em direção ao futuro.

A iniciativa da ONG Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio

Cultural (Afrobras), a Faculdade Zumbi dos Palmares, celebra seu primeiro aniversário consolidando verdadeiras janelas de esperança para a inclusão social de negros e afro-descendentes.

A Faculdade finca um definitivo marco de vanguarda para o desenvolvimento da educação brasileira ao ampliar a possibilidade de formação profissional da comunidade negra, reduzir a desigualdade e a exclusão e multiplicar esses esforços no sentido de se espalhar liberdade e educação. Sua força vem do caráter pluralista e agregação de valores sociais e culturais, independente da etnia de seus alunos.

O novo enfoque da instituição supera as barreiras, trilhando o caminho das soluções práticas e objetivas que viabilizam a integração em ambiente favorável à discussão da diversidade racial, no contexto da realidade nacional e internacional.

A excelência do currículo do curso de Administração, primeira fase do Projeto da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, atende aos mais modernos objetivos de formação humanista de profissionais. Na atualidade, juntam-se ao projeto os mais diferentes parceiros, somando mais de dez instituições privadas de Ensino Superior do Estado de São Paulo que, juntos, garantem a excelência e o corpo técnico e acadêmico da Faculdade.

A grade curricular trata abertamente a cidadania, a ética, os direitos e deveres do



homem brasileiro e a instituição oferece uma estrutura de reforço extracurricular, um Centro de Apoio Pessoal com psicólogo, assistente social, orientadores educacionais e sem dúvida formará um administrador pleno na consciência cidadã e na capacidade de gestão.

As parcerias com a iniciativa pública e privada também são as condições fundamentais para o empreendimento consolidar o acesso e a permanência da população negra no ensino superior. Diversos convênios para estágios e *trainees* pavimentam a estrada da empregabilidade.

A soma dos esforços de todos estes agentes – organizações públicas e privadas – é um saudável exemplo da clássica afirmação de que o desenvolvimento está atrelado a integração de objetivos das mais variadas instituições sociais.

A Faculdade Zumbi dos Palmares cumpriu um passo determinante, mas não está isolada neste longo caminho a ser percorrido. A concretização dos objetivos propostos só se dará com a participação de todos e a mobilização da sociedade na sua defesa e construção, a partir de princípios sólidos de cidadania.

Que a Afrobras possa continuar a percorrer este caminho da promoção da educação, da liberdade e da cidadania, conceitos mobilizadores de desenvolvimento, qualidade de vida e inclusão social. Ao invés de muros, lamentações e ressentimentos, constrói sobre pilares sólidos da educação, a sustentabilidade do país, que pela natureza privilegiada a ela se junta a capacidade humana de promover o desenvolvimento sustentável.

Carlos R. Faccina
Diretor da Nestlé Brasil

Integração e inclusão. Foram esses os principais motivos que levaram, há um ano, a Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural (Afrobras) criar a Faculdade Zumbi dos Palmares. Um centro de ensino voltado para a população de afro-brasileiros que busca proporcionar a essas pessoas o acesso ao ensino superior. Mas não apenas isso, ao possibilitar aos alunos negros ingressarem no terceiro grau, contribui para

verdade que essa maioria transforma-se em minoria quando falamos, por exemplo, nos bancos escolares. Fatos assim é que nos fazem, há anos, defender a adoção de políticas - públicas e privadas - voltadas ao combate do racismo, das desigualdades sociais e do preconceito. As estatísticas divulgadas pelas mais diversas entidades mostram a população afro-brasileira liderando as listas de excluídos. Nós, negros, estamos entre as classes sociais mais baixas e somos os que possuímos os menores índices de escolaridade. No ano passado, por exemplo, o Programa das Nações Unidas para o

a discriminação. Por isso, mais que nunca, buscamos a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial. Esse projeto traz políticas públicas de combate ao preconceito e ao racismo nas mais diversas áreas: trabalho, saúde, educação, mídia, moradia, entre outras. Precisamos ter coragem para buscar o despertar da consciência coletiva. Por isso defendemos as cotas no trabalho, na mídia, no ensino; políticas de saúde voltadas à população negra, entre tantas outras ações que promovam a igualdade entre negros e não negros, que promovam o fim do racismo, do preconceito e das desigualdades.

Razões que não nos deixam falar da Marcha Zumbi + 10. A grande mobilização prevista para

novembro deste ano. Essa Marcha catalisa nossas aspirações por mudanças. Uma de suas principais bandeiras é a imediata aprovação do Estatuto da Igualdade Racial. A participação do movimento negro, das entidades, dos estudantes, enfim, de todos aqueles que anseiam por um país melhor, é indispensável para o seu êxito, para a construção

que a auto-estima desses cidadãos seja elevada. E mais, proporciona o intercâmbio cultural e social entre negros e não negros.

É fato que a população brasileira é composta, em sua maioria, por afro-brasileiros. Da mesma forma, também é

Desenvolvimento (PNUD) divulgou o Atlas Racial do Brasil. O estudo confirma a exclusão dos negros em nosso país: constituímos 65% dos pobres e 70% dos indigentes. Nas universidades, apenas 2% são negros. Um número ínfimo diante de nossa população.

A realidade é que, infelizmente ainda não conseguimos abolir o preconceito e

faculdade Zumbi dos Palmares: um ano



de um país verdadeiramente cidadão. Nesse contexto, não há como deixar de destacar o trabalho que a Faculdade Zumbi dos Palmares desenvolve. Atender alunos negros. Esse é o mote da faculdade que tem entre seus alunos 80% de afro-brasileiros. Uma iniciativa que merece ser destacada e que nos alegra, pois vai ao encontro de um dos pontos que defendemos: passamos a ter acesso aos níveis superiores de educação. Isso, conseqüentemente, levará nossa população a ocupar melhores postos de

trabalho. Como já dissemos, contribuirá para elevar nossa estima. Além de garantir o acesso, a instituição preza pela permanência dos negros no ensino superior. Visa ainda promover, em meio à diversidade racial, a integração entre negros e não-negros. Exemplo que deve ser seguido por outras instituições. A adoção das cotas é também uma ação que merece ser destacada. Enfim, o momento é rico, pois muitas são as possibilidades para que alcancemos o progresso social de grupos dis-

criminados. Estamos rumo a consolidação de uma democracia fraterna e pluralista.

Será por meio de iniciativas como essa da Afrobras que conseguiremos nos livrar do racismo e do preconceito. Ao atacarmos esses males, estaremos construindo um novo país, igualitário, humano e socialmente justo.

Senador Paulo Paim (PT-RS)

Joan Armatrading, a cantora inglesa, diz na canção *More than one kind of love*:

Que há coisas na vida para se apegar

Orgulho e Dignidade, um sentido de si

Para se guardar no peito

Faculdade Zumbi dos Palmares: um exemplo brilhante de orgulho e dignidade para os africanos em qualquer lugar

A ideia por detrás da fundação da Faculdade Zumbi simplesmente faz com que estas palavras venham à minha mente. Esta ideia, jornada percorrida pelo Dr. Vicente e pela Afrobras rumo à criação desta faculdade, faz tais palavras

parecerem vindas de um poema dedicado a tal esforço. As palavras expressam esta história vivamente.

A Faculdade Zumbi é um exemplo brilhante de orgulho e dignidade negra. É um exemplo do que pessoas, trazendo

um sentido de orgulho e dignidade, podem fazer. Ao completar o seu primeiro ano, a faculdade é testemunha de que, através da dedicação, ação decisiva, parceria, foco e planeamento, nada é impossível.

Esta realização significativa e histórica, que é a Faculdade Zumbi, nos diz que ninguém vai lhe dar dignidade, orgulho e sentido de si, a não ser nós mesmos, e persistentemente. Pelo contrário, os africanos e afro-descendentes permanecerão como perpétuos seguidores, eternamente comendo nas mãos de outras pessoas.

A Faculdade Zumbi, sem dúvida, agrega uma lista de gloriosas realizações dos africanos, a qual inclui antigas civilizações por muito tempo esquecidas e destruídas pela conquista colonial, o tamanho de ícones mundiais como Mandela, Pelé, a descolonização da Mãe África etc. Ela é a expressão da continuidade de nossa marcha rumo à liberdade, afastando-nos das plantações escravas contra as quais Zumbi lutou incansavelmente.

Esta é uma profunda e justa homenagem à luta, memória, bravura e ao heroísmo de

Zumbi dos Palmares, dando o seu nome à primeira e, até agora, única faculdade africana de afro-descendentes na América do Sul. Da mesma forma, não há melhor maneira de homenagear os seus sacrifícios na busca da liberdade do que através da educação. A educação é liberdade. Liberdade de pensamento, expressão, a busca da verdade, através da livre expressão, publicações, poesia e o hábito de contar histórias.

É como diz o lema da Faculdade: Não há liberdade sem educação. Esta é uma afirmação profunda. No caso da África do Sul, vimos como as pessoas atrás do projeto do Apartheid, para subjugar e humilhar os negros, usavam a educação distorcida para atingir os seus objetivos. Não foi por acaso que a educação foi



escolhida como instrumento-chave para se conseguir isso. É pelo fato de que, sem ela, os negros não podem ser livres.

Esta realização do Dr. Vicente e sua brava equipe da Afrobras é um desafio e um chamado para nós que apreciamos a idéia da Faculdade Zumbi, para colocarmos o nosso dinheiro onde estão as nossas bocas, para dedicar ativamente o nosso tempo, recursos, e quaisquer outros instrumentos para apoiar o sucesso e

crescimento desta brava idéia visionária. Palavras de solidariedade e apreço são bem-vindas, mas não passam disso. É hora de ação. Portanto, precisamos apoiar a faculdade de qualquer maneira que possamos. Isso pode ser através de patrocínio de intercâmbio de estudantes, professores e administradores; estenden-

do parcerias com outras faculdades no mundo; doação de livros/bibliotecas, dinheiro, incentivando levantadores de recursos para o benefício da faculdade; e oferecendo bolsas de estudo para os estudantes da faculdade. Isso é o que tem sido feito por outras comunidades bem-sucedidas em suas respectivas causas e projetos.

O Dr. Vicente, um pioneiro dos dias de hoje, assumiu a difícil e arriscada missão de mapear o caminho à frente e navegar em águas desconhecidas, com seu exemplo e ações. Todos temos que apoiar tal jornada. Devemos imitar o Dr.

Vicente a este respeito: pouca conversa e muita realização.

Em nome do Governo e do povo da África do Sul, gostaria de parabenizar e saudar a Faculdade Zumbi dos Palmares no seu primeiro aniversário. Que ela continue a crescer!

Derick Moyo
Cônsul-Geral da República da África do Sul



Feboem e a justiça:
a vida não é bela
para todos!

Confesso que ando meio brigado com os telejornais e os meios de comunicação de um modo geral. Apesar (ou exatamente por conta disso!) de militar na área, creio estar sofrendo do que alguns especialistas chamam de “overdose de informação”. No entanto, não consigo me livrar do hábito de gastar horas (muitas vezes prazerosas, tenho de confessar!) lendo jornais e revistas ou assistindo programas jornalísticos. Afinal, a informação é um dos mais importantes ativos do século XXI.

No final de janeiro me deparei com a notícia de mais uma fuga em massa na Febem de São Paulo. De uma só tacada 202 internos evadiram-se (para usar um termo caro às forças policiais!) da unidade situada em Vila Maria, bairro da Zona Norte da cidade. O meu espanto foi descobrir que a fuga, segundo os jornais, teria sido provocada por funcionários descontentes com a direção do órgão que insiste em tentar acabar com a “prática de tortura contra os menores”. Mas por que ainda somos lenientes com práticas abusivas que servem apenas para satisfazer os desejos de um bando de sádicos? É que, de um modo geral, a sociedade acostumou-se a ver os menores infratores como um câncer a ser extirpado. Um mal que deve ser cortado pela raiz. Afinal, o senso comum diz que “a Febem é um depósito de estupradores e assassinos, a verdadeira escória da sociedade, que se vale das benesses da lei para cometer os mais sórdidos crimes contra as pessoas de bem”.

Nunca compactuei com essa visão. Até porque sei (graças à leitura dos jornais!) que dos seis mil adolescentes cumprindo medidas sócio-educativas em São Paulo 72,5% foram condenados por roubo. Outros 6% (SEIS POR CENTO!) por homicídio e/ou latrocínio, que é o roubo seguido de morte. Mas o que, verdadeiramente, me saltou os olhos ao ler recente entrevista do novo presidente da Febem de São Paulo é que boa parte dos internos são condenados por delitos tão banais como “roubar uma galinha”. Entram no sistema e saem pós-graduados no crime!

O ex-juiz federal Rocha Mattos, o senador cassado Luiz Estevão e o juiz aposentado Nicolau dos Santos Neves freqüentaram recentemente as páginas policiais. O primeiro, acusado de chefiar um esquema de venda de sentenças judiciais, foi condenado a três anos de prisão por formação de quadrilha. Três anos! Outro apontado como integrante do esquema, o juiz Casem Mazloun foi igualmente condenado. No entanto, a pena foi revertida em prestação de serviços: doação de cesta básica no valor mensal equivalente a seis salários mínimos. Luiz Estevão e o juiz aposentado Nicolau dos Santos e também os empreiteiros envolvidos no desvio de mais de R\$ 160 milhões levam uma vida aparentemente normal, apesar das idas e vindas à Justiça.

A leitura de jornais e revistas e o olhar atento nos noticiários de televisão tam-

bém me deram a chance de saber que o cantor de pagode-romântico conhecido como Belo também esteve às voltas com a lei. Ele foi condenado a seis anos de prisão, acusado de associação ao tráfico de drogas. A peça de acusação, pode-se dizer única, já que foi exibida exaustivamente na imprensa, é uma gravação telefônica, na qual ele conserva com um tal de Vado, sobre “tecido fino” e “tênis AR”. Segundo a polícia, são códigos para “cocaína” e “fuzil AR-15”, respectivamente. No afã de conseguir uma sentença mais favorável, o advogado do cantor recorreu da sentença. Saiu de lá com o acréscimo de mais dois anos à pena de seu cliente.

Não sou desses que acha pouca coisa roubar galinha. Tenho, inclusive, dúvidas sobre a legitimidade do tal “furto famélico”, dispositivo amparado pelo Código Penal Brasileiro. Acredito que a lei deve ser rigorosa para coibir e punir exemplarmente todos os delitos e todos aqueles que atentam contra a vida, a propriedade e o direito alheio. TODOS! Mas, lendo os jornais e as revistas semanais e assistindo aos telejornais, fica cada vez mais claro para mim uma coisa. Há muito a Justiça deixou de ser cega, lenta e justa. Dependendo do réu ela é célere, implacável e injusta. Decididamente, a vida não é bela para todo mundo!

Rosenildo Ferreira
Jornalista da Revista IstoÉ Dinheiro

O Brasil não foi apenas o último país do mundo a abolir a escravidão.

É também o país em que se está levando a cabo uma experiência inusitada, possivelmente única no mundo: inventamos o racismo sem racistas. Pesquisa realizada, no ano passado, pela Fundação Perseu Abramo constatou que 87% da população brasileira admite a existência de racismo no país, porém, apenas 4% se considera racista.

Foi com base nesta pesquisa que o “Grupo Diálogos Contra o Racismo”, criado em 2.001, nas discussões que antecederam a participação brasileira na Conferência de Durban, África

do Sul,

ao final do

ano passado a

campanha “Onde Você guarda o seu Racismo?”

Mais do que uma saudável provocação, um cutucão no racismo cordial, dissimulado e hipócrita que jamais se assume, a campanha pretende estimular o diálogo, a troca de idéias, incentivar a mudança de pensamentos, hábitos e atitudes além de estimular o sentimento coletivo de compromisso com o combate à desigualdade racial.

Ao contrário do que se poderia pensar, a iniciativa não é de organizações do

Movimento Negro. A maioria das 40 organizações da sociedade civil é constituída por pessoas brancas inconformadas com o véu de hipocrisia e cansadas da repetição dos números que apontam as desvantagens da população negra em todos os indicadores – acesso à educação, ao mercado de trabalho, expectativa de vida, entre outros.

Essas pessoas – pesquisadores, estudiosos, ativistas de direitos humanos, feministas – cansaram-se de apenas ler as estatísticas e estudos que botam por terra o mito da democracia racial, construído a partir da década de 30 do século passado, e que repetem de forma até tediosa as causas e o responsável pela iniquidade social brasileira: o racismo, marca

registrada

de uma sociedade

que não ajustou contas com as seqüelas de 350 anos de escravidão. De cada dez dias da história do Brasil, sete foram vividos sob o escravismo.

Em um país, em que a metade da população é afro-descendente, os brancos detêm, simplesmente, 74,1% da renda, enquanto os negros ficam com 4% e os pardos com 21,9%, segundo estudo realizado pelo Observatório Afro-Brasileiro, com base nos dados do Censo do IBGE 2.000.

Como parte da campanha, estão sendo veiculadas peças para a televisão, rádio, *outdoors*, *botons* e adesivos, bem como estão planejadas ações em datas comemorativas como o Dia do Trabalho, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia dos Pais, Natal, entre outras.

A idéia da publicitária Nádia Rebouças – autora do *slogan* – é “clicar na cabeça das pessoas que, no cotidiano, cometem ações racistas sem se aperceber”. Tais ações, assim como o próprio

nde
você
guarda
o seu
racismo?

racismo brasileiro, estão naturalizadas em piadas de mau gosto, em expressões incorporadas ao vocabulário, repetidas muitas vezes de forma inocente, e que reforçam estereótipos conhecidos contra a população negra.

Quem já não ouviu, em tom de chacota

e deboche, expressões como “negro, quando não faz na entrada, faz na saída”; “negro parado é suspeito, correndo é ladrão”; “negro de alma branca”; “cabelo ruim” e outras agressões à população negra, muitas vezes ouvidas com escárnio e cinismo?

Mais recentemente o racismo, tal qual um camaleão que muda de cor e tom, passou a assumir um discurso mais refinado quando recorre ao argumento da meritocracia e da igualdade de todos perante a Lei para rechaçar as ações afirmativas adotadas pelo Poder Público e por empresas.

Segundo Silvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) com sede no

Rio, e uma das organizadoras do movimento, a campanha surgiu do questionamento de algumas entidades sobre qual seria o papel das organizações que não faziam parte do Movimento Negro na luta contra o racismo.

A resposta foi a criação do “Grupo Diálogos contra o Racismo”, composto por Organizações como a Fase – Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional e o Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, além de entidades de direitos humanos, do movimento feminista e Centros de Estudos.

Para Silvia, a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo expõe a situação surreal do Brasil como um país onde ninguém assume sua porção racista. “Hoje superamos a idéia de que o Brasil é uma democracia racial. Todo mundo sabe que existe racismo aqui. O difícil é admitir que nós mesmos também discriminamos”, conclui, acrescentando.



tando que a idéia da campanha ao escolher como protagonistas pessoas brancas é “tocar na subjetividade de cada um”.

O sociólogo Florestan Fernandes, um dos pioneiros da sociologia e dos estudos sobre a questão racial já falava da existência, no Brasil, de um tipo de preconceito muito peculiar: o de ter preconceito.

Fernanda Carvalho, pesquisadora do Ibase, é de opinião que numa sociedade racista como a nossa, ninguém escapa: “As pessoas estão cercadas pela idéia de que o branco é bonito, é positivo. Podem até ter consciência desse processo, mas é preciso colocar isso pra fora”,

acrescenta.

Segundo Fernanda, só o lançamento da campanha já representa um avanço na luta contra a desigualdade racial no país, antes assumida essencialmente pelo Movimento Negro: “O racismo é hoje uma questão transversal a todas as outras, e o “Grupo Diálogos” e a campanha são resultado disso. Esperamos que haja

reflexo nas políticas públicas, mas por hora é preciso mudar a consciência das pessoas”, finaliza.

Campanhas como “Onde Você guarda o seu Racismo?”, podem se constituir, afinal, no grande divã pelo qual a sociedade brasileira possivelmente precisa passar para reencontrar sua identidade e descobrir que o nosso maior

patrimônio é exatamente aquilo que a elite racista esnobe, com ares de um eurocentrismo e um norte-americanismo anacrônicos, vem sistematicamente negando ao longo dos séculos: nossa diversidade racial e étnica.

Brasil! Mostra a tua cara, bem dizia o poeta Cazuza.

Dojival Vieira, jornalista, preside a ONG ABC SEM RACISMO, no ABC paulista.

Contatos: abcsemracismo@yahoo.com.br

Casos de
racismo na internet
ganham grandes pro-
porções

Quem assistiu a alguns dos principais telejornais, no mês de janeiro, esteve a par das denúncias feitas por uma família negra da cidade de São Paulo, que teve um de seus membros, um adolescente de 13 anos, coagido por uma comunidade racista presente no site gerenciador de relacionamentos Orkut.

A página, onde a foto do garoto aparecia associada a dizeres racistas, foi encontrada pelo irmão do adolescente, o estudante de jornalismo Dante Baptista, que chocado procurou algumas organizações de combate ao racismo para que o ajudassem na denúncia. Assessorada

pelo jornalista e
presidente da ONG

ABC sem racismo Dojival Vieira, a família do adolescente concedeu entrevistas para os principais veículos de comunicação e prestou depoimento no Ministério Público.

A repercussão do caso levou a Secretaria para Participações e Parcerias da Prefeitura de São Paulo, através da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE), a solicitar uma reunião com os responsáveis pelo menor, representantes de algumas organizações do movimento negro e vítimas de outros casos de discriminação racial,

onde junto com o secretário Gilberto Natalini, procurou-se chegar a soluções para os casos levados à denúncia. Durante o encontro, Natalini afirmou que casos como os apresentados ali não serão mais tolerados e medidas imediatas devem ser tomadas com relação ao ocorrido. Segundo Dojival Vieira, uma atitude mais efetiva nesses casos é necessária, já que, em suas palavras, “atos como esse quando não são brecados no início, primeiro se banalizam, depois se naturalizam e com isso nós acabamos dando liberdade para que essas pessoas ajam”. No caso específico, além das ações já tomadas, o jornalista entregou ao secretário uma

série de
ações que
devem ser desenvolvi-
das em parceria com a população.

Mesmo com as medidas tomadas com relação as ofensas ao adolescente, inúmeras outras páginas na internet ainda existem e requerem fiscalização. Para Dojival, somente a criação de uma fiscalização em parceria com todas as partes interessadas pode gerar resultado. Segundo Maria Aparecida Baptista, mãe do adolescente agredido, a divulgação na mídia foi fundamental para o bom desenvolvimento do caso. “A visibilidade gerou um freio para os participantes da comunidade.”

casos de racismo na internet ganham grandes proporções

De acordo com Dojival Vieira, muitos adolescentes vêem as comunidades como uma brincadeira e as denúncias podem mostrar a gravidade do caso. “Quem já entrou acaba se retraindo e quem se mantiver, tendo consciência de que está cometendo um crime, deve responder perante a justiça”, afirma Vieira.

Quando fui convidada para falar algo na estréia desta revista, fiquei meio à deriva... refletindo sobre FÉ. Este elemento alquímico que faz com que nossos pensamentos..., sonhos..., nossas viagens sejam de verdade. Na minha mente

rolou um filme absurdamente interessante. Minha mãe, meu pai, meu filho, meus vizinhos, amigos, amores. Minha família de sangue, minha família da vida! Meu POVO BRASIL!!! E comecei a pensar que poderia estar falando sobre divisão de cotas, falta de oportunidades, injustiças, desrespeitos, enfim... preconceitos,

Nossas vidas, nossas mãos! Nossas cores, nossas raças... e nossos olhos coloridos que nos fazem refletir! Começamos a nos perceber, nossos grandes atletas, importantes desportistas, atores e atrizes,

cantoras e cantores...intérpretes. Garis, executivos, porteiros, ambulantes, músicos, compositores, autores...todos intérpretes. “Minha gente tá ralando, minha gente tá rolando mundo a dentro... na senzala não tem aula.



quando vejo o MOVIMENTO HIP HOP tomando de “assalto” o respeito de toda gente. O Rap se entranhando no Samba, no Maracatu; é o Repente, é o Soul! É a mistura da alma brasileira. Todos os ritmos e suas regiões. Atitudes Culturais. “... Swing é a voz do meu Brasil...”.

“consciências” estão em movimento!

complexos, racismos!!!!

Não! Não poderia. Basta olhar ao redor e à frente, e então sentir que não se tem tempo a perder. As “consciências” estão em movimento! Movimento de evolução, ebulição. É momento de celebrar com atitude e conscientização.

Temos nossas vidas nas mãos...

O tempo inteiro é pra viver e aprender ser humano...” (trecho da música Boralá – Sandra de Sá e Gabriel O Pensador)

Estamos nos admitindo mais. Bem mais do que admitimos as coisas que não somos, estamos sabendo mais de nós... O POVO BRASILEIRO.

Eu sinto minha FÉ festejando

É isso, não há tempo a perder. Temos que nos fortalecer cada vez mais, para que transborde nossa auto-estima. Como sempre tenho dito, temos que parar de correr atrás, no mínimo chegar junto! Correr à frente, assim a gente chega.

Sandra de Sá - Cantora, Compositora

Que é de praxe acontecer com as pessoas dotadas de auto-estima? Pessoas que se têm em boa conta, certamente por se sentir aprovadas no controle de qualidade a que se submetem perante a sua própria consciência?

Bem, essas pessoas costumam ser alegres. Descontraídas. Otimistas. Modelo de gente mais e mais agregadora, em cujos olhos cintila a estrela do entusiasmo pela vida. Numa frase, pessoas dispostas a ver a obra de Deus como um fascinante desafio ao emprego daquilo de que se sabem capazes: compreensão, coragem, criatividade.

Acresce que essa virtude individual de ser feliz, de estar sempre de bem com a vida, também pode ser uma virtude coletiva. Dá para ser a característica central de todo um povo, a partir de uma determinada quadra histórica. E foi exatamente nisso em que apostou a Assembléia Nacional Constituinte de 1987/1988, aqui “do lado debaixo do Equador” (Chico Buarque de Hollanda).

Com efeito, a partir do preâmbulo da nossa Constituição Federal estão fincados os pressupostos de colocação da auto-estima brasileira em seu mais elevado patamar. Esses pressupostos são, literalmente, “a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça”. Valores ou bens jurídicos ali expressamente chamados de “supremos” em relação a um tipo ideal de sociedade: uma “sociedade pluralista, fraterna e

sem preconceitos”, assim também grafada por forma expressa.

Mas por que sociedade pluralista? Por se render o nosso legislador constituinte à evidência de que os seres humanos trazem na lapela da própria alma o botão da originalidade. Cada qual deles, mais que número um, é número único. Vale dizer, toda criatura humana é diferente da outra e só pode ser plenamente feliz na concreta experimentação de suas diferenças. E diga-se o mesmo das instituições que o espírito gregário dos homens não cessa de criar. Sociedade sem preconceitos, a seu turno, por implicar um limite ao

exercício do pluralismo; ou seja, todo mundo tem o direito de ser diferente, sim, contanto que o exercício desse direito não importe a assunção de uma conduta discriminatória do próximo. Isto no sentido de que não se pode julgar o caráter ou a valiosidade político-social

dos outros a partir de critérios que a mais elementar razão desmente e a consciência universal excomunga. Parâmetros ou critérios que não passam do apodrecido fruto da intolerância (pra não dizer da babaquice), como aqueles que tomam em linha de conta o que verdadeiramente não conta: a região de nascimento, a cor da pele, o sexo, a idade, a etnia, a deficiência física e qualquer outro fator pessoal que se revele como simples obra do acaso. Ou, ainda, critérios cimentados em fatos culturais do tipo natureza da profissão, crença, preferência sexual, que também nada têm a ver com traço de caráter, préstimo social ou teor de cidadania de quem quer que seja.

Sociedade fraterna, enfim, porque ali onde o pluralismo se contém na

bitola do não-preconceito o que toma corpo é a fraternidade. Vale dizer, o que toma corpo é um tipo de convivência que se marca por uma ocupação aproximativamente igualitária dos espaços institucionais de que a vida em

sociedade se compõe: família, escola, igreja, postos de trabalho, condomínio, clube, restaurante, farmácia, padaria, supermercado, shopping, hotel, rodoviária, aeroporto, postos de saúde, hospital, etc. Logo, uma vida em comunidade (de comum unidade), na holística e definitiva compreensão de que todos estamos no mesmo barco telúrico, pois em realidade “tudo é um”.

Nesse visual entrelaçado das coisas, tudo começa com o pluralismo. E desemboca na fraternidade. Mas antes passando pela ponte do não-preconceito. Ponte que possibilita, em última análise, o ansiado encontro da sociedade consigo mesma. O resgate de uma auto-estima coletiva que nos levará a renascer dentro de nós. Que bem pode

fazer da experiência histórica do Brasil uma cotidiana crônica da reinvenção como postura de vida.

Lutar, então, pelo extermínio dessa tera-



tologia moral que é o preconceito e ainda compensar com “ações afirmativas” os seus deletérios efeitos, isto significa o necessário resgate da dignidade dos segmentos sociais que dele têm sido víti-

mas. Porém é mais que isso. É possibilitar ao Brasil a supina honra de se olhar no espelho da História sem corar de vergonha. Ombreado às nações que já

tomaram para si o irrenunciável comando dos seus espiritualizados destinos.

Esta a verdadeira idéia-força da última epopéia constituinte brasileira. A luminosa idéia de conceber o Estado Democrático do Brasil como a personalização jurídica de uma sociedade pluralista, fraterna e sem preconceitos. Sociedade, portanto, a se tornar a própria substância ou a carne viva da

nossa Democracia.

(*) Carlos Ayres Britto é ministro do Supremo Tribunal Federal e doutor em Direito Constitucional pela PUC de São Paulo.

uto-estima no ponto

Na terceira edição do Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa (2004), o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) - ao qual me orgulho de participar desde a fundação - ampliou o leque dos princípios básicos que inspiraram o Código para incluir a "Responsabilidade Corporativa". Até então, o Código se limitava aos princípios da "transparência", "equidade" e "prestação de contas".

Na página 10, esclarece que o princípio da responsabilidade corporativa deve nortear os administradores a

quando se observa a frequência com que tantas empresas declaram, em alto e bom som, seu apoio à responsabilidade social, é: as orga-

nossa imagem e reputação -, e ao som de

zelar pela perenidade das organizações, adotando uma visão de longo prazo que deve incorporar fatores de ordem social e ambiental na formulação da estratégia de negócios. A responsabilidade corporativa, por consequência, é uma visão ampliada da estratégia empresarial porque gira em torno da sustentabilidade e contempla todos os relacionamentos da organização com seus vários parceiros, sua postura perante o meio ambiente e a comunidade em que atua. A indagação que surge,

nizações que adotam essa linha de conduta teriam a opção de "não ser socialmente responsáveis?" A resposta é um enfático NÃO! Imagine se, no plano pessoal, viéssemos a declarar que escolhemos agir com honestidade, sinceridade, dedicação à sociedade e à defesa do meio ambiente. Seria patético, para dizer o mínimo. No caso das empresas, o quadro não é diferente, porque o caminho é um só, sem desvios ou rotas paralelas: ou são socialmente responsáveis ou terão vida curta. Portanto, não parece propriamente de bom tom anunciarmos (nós, pessoas ou empresas) - com vistas à

trombetas, a conversão a uma linha de conduta chamada responsabilidade social porque não estaremos proclamando nenhuma virtude, mas apenas cumprindo a mais elementar de nossas obrigações perante a sociedade e o nosso próprio futuro. Eis um rápido retrato do mundo em nossos dias: - dos 6 bilhões de habitantes da Terra, quase 80% estão na linha de pobreza ou

abaixo dela, isto é, sem condições sequer de atender suas necessidades mais elementares;

- quase 30% das crianças apresentam um quadro de subnutrição ou mesmo de carência alimentar grave;

- a poluição da atmosfera responde por 5% do total de mortes por ano;

- nos anos 90, cerca de 2% das florestas foram destruídas; estima-se que, como resultado das ativi-

universal converteram as últimas gerações na "aldeia global" com que sonhava McLuhan - escritor e pensador canadense falecido em 1980. Não há, definitivamente, condições para desenvolvimento e progresso verdadeiramente sustentáveis num cenário de tamanho desequilíbrio e de tantas disparidades.

Um corolário da situação descrita é que se tem de encarar a sustentabilidade sob a perspectiva mais ampla possível: a mesma legião de desfavorecidos que hoje reclama nossas iniciativas filantrópicas poderá ser amanhã um enorme e

com armamentos da ordem de US\$ 1 trilhão por ano - dos quais quase metade concentrados em um único país.

E ainda mais animador: todas as iniciativas que as empresas tomarem na direção de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa vão refletir-se em seu próprio favor, não só em termos de imagem (porque a reputação de "empresa socialmente responsável" já é uma grande vantagem competitiva) mas também em resultados econômicos, pela expansão dos mercados, redução de gastos com segurança, diminuição das per-

responsabilidade social é uma opção?

dades do bicho-homem, cerca de 10% de todas as espécies vegetais caminham para a extinção.

São dados de origem insuspeita (Unicef, World Watch Institute e World Conservation Monitoring Centre), compilados pela revista PRISM (1º semestre 2004). A solução desses problemas vai muito além das preocupações de ordem moral ou filantrópica para ser também uma exigência nos campos político e econômico. A comunicação em tempo real e o transporte rápido e

promissor mercado para produtos ligados à educação básica, à nutrição, aos cuidados elementares com a saúde, ao vestuário e assim por diante. Se a esmagadora maioria das pessoas sobrevive com renda de US\$ 2 ou até menos por dia (enquanto, em alguns países da Europa, cada vaca recebe um subsídio governamental de US\$ 4 por dia!), não é difícil calcular qual será o efeito global de uma redução drástica, no rumo de uma eliminação total que mais cedo ou mais tarde acontecerá, de um gasto mundial

das causadas pela violência e pela corrupção, para citar alguns dos benefícios que, merecidamente, recompensam os esforços bem orientados, ainda que não sejam seus objetivos principais.

*Lélio Lauretti é escritor, conferencista, professor e consultor de empresas;
Fonte: boletim informativo do Instituto Ethos*



Jacques Pena, presidente da Fundação do BB

A Fundação Banco do Brasil completa 20 anos de existência em 2005. Ao longo deste período, a instituição trilhou um caminho pautado na missão de reduzir as condições de pobreza da população brasileira, promover a inclusão

social com investimentos em ações que promovam a transformação social de forma sustentável, e democratizar a educação de qualidade.

As atividades da Fundação Banco do Brasil têm como foco implementar tecnologias sociais que proporcionem o desenvolvimento de pessoas e/ou

comunidades nas áreas de Geração de Trabalho e Renda, e Educação. Juntamente com parceiros estratégicos, a Fundação identifica e investe em processos, métodos, produtos ou técnicas que, aplicados em escala, possam gerar resultados positivos em áreas como mortalidade infantil,

Fundação Banco do Brasil

evasão escolar, demanda por água, saneamento básico, energia, entre outras.

Denominados Tecnologias Sociais (TS), os programas possuem baixo custo e resultados comprovados, graças, principalmente, ao esforço e a mobilização das comunidades. "Nosso objetivo é identificar e gerir soluções sustentáveis que se encaixem nesse perfil, para que, ao serem multiplicadas, gerem atividade econômica e promovam a transformação social de comunidades que vivem em situação ou em risco de exclusão social", afirma Jacques Pena, presidente da Fundação Banco do Brasil.

Em 2005, o investimento social da fundação será de R\$ 132 milhões. O valor é 35% superior aos recursos disponibilizados no ano passado. Segundo Jacques Pena, os recursos serão direcionados, principalmente, às regiões Norte e Nordeste e periferia dos grandes centros urbanos. Na área de Geração de Trabalho e Renda, receberão investimentos as seguintes Cadeias Produtivas: recicláveis, cajucultura, mandiocultura, apicultura, ovinocaprinocultura, fruticultura, mamona e artesanato. Em Educação, a instituição continuará investindo nos programas BB Educar (alfabetização de jovens e adultos), AABB Comunidade (complementação escolar) e Estação Digital (inclusão digital).

Também terão continuidade os chama-

dos projetos temáticos como Berimbau (desenvolvimento do artesanato, pesca e agricultura na Costa do Sauípe, BA), Água Doce (reutilização do rejeito dos dessalinizadores no Nordeste), Urucuia Grande Sertão (desenvolvimento regional integrado no Vale do Urucuia, MG), Tecbor (processamento do látex no Acre, Rondônia, Pará



e Amazonas), Hortas Comunitárias, Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc) e Apoio à Agricultura Familiar.

BB Educar

O programa oferece a jovens maiores de 15 anos e adultos a oportunidade de se alfabetizar. Os alfabetizadores são for-

mados por instrutores do Banco do Brasil e são responsáveis pela criação e implementação de Núcleos de Alfabetização na comunidade em que atuam.

Atualmente, o programa tem cerca de 19 mil alfabetizadores voluntários em todo o país. Já foram alfabetizadas mais de 150 mil pessoas e outras 108 mil estão em processo de alfabetização.

AABB Comunidade

Em parceria com a Fenabb (Federação Nacional das AABBs), estudantes da rede pública, entre 7 e 17 anos, têm esporte, lazer, práticas culturais como momentos fundamentais para complementar os conteúdos transmitidos em salas de aula. O programa contribui para assegurar a inclusão, a não repetência e a permanência do jovem na escola. Atualmente, o programa atende a mais de 50 mil crianças e adolescentes em cerca de 380 municípios do País.

Estação Digital

Com a instalação de unidades de informática, a capacitação de pessoas das comunidades e o estabelecimento de condições de independência operacional, a estação digital contribui para a redução do índice de exclusão digital e social no País.

Exemplos de Tecnologias Sociais

Sistema Mandalla de Irrigação e Produção Permacultural



O objetivo é desenvolver uma alternativa econômica sustentável que envolva a produção de alimentos e gere renda em regiões de solo árido, fixando as famílias no campo e melhorando sua qualidade de vida.

Minifábricas de Castanha de Caju



O programa oferece suporte para que as famílias envolvidas melhorem a qualidade da castanha, adquiram volume de produção e regularidade de colheita para negociar e, assim, tenham condições de melhorar a renda na comercialização.

Projeto Tecbor - Tecnologia para produção de borracha e artefatos na Amazônia



O processo consiste na substituição da tradicional etapa de defumação do látex pelo banho em líquido pirolenhoso. A nova técnica agrega valor à borracha, aumenta a renda do seringueiro e ajuda a fixar a população na floresta. Uma característica importante do Tecbor é a inserção de mulheres no processo produtivo, em uma região onde a produção de borracha quase sempre foi uma atividade masculina.

Barraginhas para Captação de Águas Superficiais de Chuvas,



O objetivo dessa tecnologia é recuperar áreas degradadas pelos escoamentos superficiais das águas das chuvas sobre solos compactados. Consiste na construção de pequenas barragens para conter as enxurradas danosas. O projeto já foi implantado em 250 municípios mineiros. Mais de 2,5 mil barraginhas foram construídas.

Saneamento Básico na Área Rural



Driblar os altos custos de implantação de saneamento básico é o objetivo do projeto Saneamento Básico Rural. Uma fossa séptica biodigestora elimina 100% dos coliformes fecais, por fermentação. Com essa técnica, todos os agentes causadores de doenças são eliminados, evitando-se, assim, a contaminação do lençol freático que abastece os poços das residências. Outra vantagem é que o resíduo resultante do processo pode ser usado como adubo orgânico.

Projeto Bambu



O projeto tem o objetivo de disseminar a arte de transformar o bambu em utensílios domésticos. As populações do interior do Nordeste brasileiro utilizam a planta para a criação de objetos caseiros com material biodegradável, contribuindo assim para sua preservação.

Educadores juvenis
defendem que
os exemplos
são importantes
para a
formação de suas
identidades

Os educadores juvenis da Academia Educar, um programa da Fundação Educar DPaschoal, elaboraram uma tese durante todo o segundo semestre de 2004,

sobre a qual defendem que o exemplo é a única forma de ensinar. Foram meses de pesquisas, entrevistas e estudos, que contaram com a colaboração de escolas estaduais.

De acordo com Telma Ramos, responsável pela Academia Educar, no projeto intitulado "O jovem tende a seguir os exemplos das pessoas com as quais convive, sendo eles bons ou ruins", o objetivo do grupo foi provar que os adolescentes sofrem grande influência de outros jovens, no sentido de se espelhar em alguém para construir sua identidade. "Isso se torna ainda mais forte nessa fase de suas vidas, na qual os adolescentes estão definindo a personalidade. Daí a importância da multiplicação da Academia nas escolas, pois

assim os jovens levarão esses exemplos para outros adolescentes", afirma. A tese juvenil é um trabalho de conclusão da segunda etapa da Academia Educar.

A abertura do trabalho foi realizada por meio do contato dos jovens com as escolas estaduais, de onde tiveram a idéia do tema. Com o apoio da Diretoria de Ensino de Campinas, Regiões Leste e Oeste, os jovens puderam desenvolver a pesquisa nas escolas Professor Norberto

conceitos que permeiam todo o projeto, que já teve a participação de mais de 1.500 jovens, desde 1990. Entre as atividades estão as oficinas de comunicação, relacionamento interpessoal, jornalismo escolar, voluntariado, entre outras, destinadas a professores da rede pública, universitários, adolescentes e crianças.

A partir de 2003, a academia começou a se multiplicar nas escolas, em parceria com as Diretorias de Ensino de

Jovens da Academia Educar apresentam tese sobre educação

de Souza Pinto, Professora Maria Julieta de Godoy Cartezani e Felipe Cantusio. Professores, diretores, vice-diretores, coordenadores e alunos colaboraram com o desenvolvimento da tese juvenil.

Para Telma, a experiência que os jovens tiveram foi muito positiva, porque permitiu um grande envolvimento de todos e, principalmente, conhecimento e aprendizado sobre a educação.

Academia Educar

A Academia Educar busca oferecer oportunidades para o desenvolvimento de jovens que acreditam no seu potencial e na sua capacidade de gerar mudanças. Adolescentes de 13 a 17 anos são incentivados a desenvolver-se como líderes que querem transformar o seu meio. Protagonismo juvenil, voluntariado, transmissão de valores e liderança são



Campinas. Após conhecerem os conceitos da Academia, as escolas adaptam o modelo para a sua realidade, sempre com acompanhamento da Fundação Educar. Desta maneira, a Academia pode atingir um número maior de jovens que se interessam por causas sociais e não se conformam com os problemas atuais.

Meu povo
sofreu na carne o
sabor amargo do ódio
irracional. A fumaça das
chaminés de Aushwitz, e de tan-
tos outros campos de concentração
nazistas, continua a poluir o ar da
nossa sociedade contemporânea, na
qual tantos homens e mulheres são
perseguidos por serem “diferentes”.

No Brasil, sabemos que, embora a
escravidão tenha sido oficialmente
abolida há mais de 100 anos, o precon-
ceito contra os negros ainda existe.
Como disse, no século 19, o grande
diplomata, escritor e parlamentar
Joaquim Nabuco: “Acabar com a
escravidão não basta; é preciso
destruir a obra da escravidão”.

Palavras tão atuais!

O fato é que a obra da
escravidão persiste.

Os negros

no Brasil

são vítimas de
uma discriminação não
declarada. Sob esta perspectiva, o
Movimento Abolicionista é um proces-
so inacabado. Somos ainda hoje os
herdeiros de uma praga chamada
“escravidão”. Esta é a herança que pre-
cisamos liquidar, não com violência,
não com armas, mas com perseverança
e fé.

Estamos ainda muito longe de alcançar
a verdadeira democracia racial neste
país. A tarefa da nossa geração é

concretizar este
ideal, fazendo com que
ele se enraíze, cresça e torne
mais saudável a sociedade
brasileira, erradicando de uma vez
por todas essa doença social que nos
aflige ainda hoje, em pleno século 21.
A história já nos deu provas suficientes
de que o preconceito e a discriminação
racial são as maiores barreiras ao pro-
gresso humano. Quando um grupo
qualquer é tratado como se fosse de
segunda classe, a sociedade como um
todo perde sua condição humana e
democrática.

Julgar um ser humano em termos da
cor de sua pele é mais do que um erro.
É uma cegueira do espírito, é um
câncer da alma.

Nós, judeus, solidarizamo-nos
com os negros do Brasil e de
toda parte – não só
porque

acredita-

mos que todas as
pessoas foram criadas iguais, mas tam-
bém porque já sentimos na pele a
humilhação de sermos considerados
“inferiores”.

Que possamos caminhar juntos, judeus
e negros, em prol de uma sociedade
mais justa e um Brasil mais humano.

*Rabino Henry I. Sobel
Presidente do Rabinato da Congregação
Israelita Paulista*

S

judeus e os negros



21 de março: um dia de reflexão

Instrumento de conscientização mundial contra o preconceito, o 21 de Março – Dia Internacional contra a Discriminação Racial, é uma referência importante para toda a sociedade brasileira. A data, que marca a reação violenta da polícia do Apartheid ao executar 69 estudantes negros que se manifestavam, pacificamente, contra o regime de segregação racial em Shapperville, África do Sul, se transformou num dia de reflexão na opinião do coordenador da Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados de São Paulo, Hédio Silva Junior. “Creio que estamos passando por um momento extremamente rico de debates em torno de iniciativas de vários setores da sociedade que visam combater a discriminação racial”, diz ele, lembrando que, no Brasil, o 21 de Março foi fortalecido pela instituição de 2005 como o “Ano Nacional de Promoção da

Igualdade Racial”. “Estamos vivendo, em nosso País, um momento muito especial”, acredita.

Na avaliação do advogado Hédio Silva, a sociedade brasileira passa por um perío-

Estamos passando
por um momento
extremamente rico”

-Hédio Silva Jr.

do muito positivo de enfrentamento do debate em torno da questão racial e, mais do que isso, de implantação de medidas afirmativas de inclusão do negro na sociedade. Medidas que, diz ele, têm tido resultados bastante satisfatórios. “Os ataques às cotas no ensino superior já estão arrefecendo. Isto porque esta política de inclusão, ao con-

trário do que se disse, está apontando que os jovens que ingressam nas universidades vindos de escolas públicas, têm um desempenho similar aos outros”, disse.

Esse movimento apontado pelo coordenador da Comissão dos Direitos Humanos da OAB, onde universidades públicas, empresas, órgãos públicos e entidades da sociedade civil se empenham no planejamento de medidas de combate à discriminação racial, também é registrado pela presidente do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, Elisa Lucas Rodrigues. Segundo ela, a 1ª Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, prevista para ser realizada no próximo mês de julho e as conferências municipais e estaduais preparatórias para o evento, refletem um período importante para os

afro-brasileiros. “Este é um grande momento para a comunidade negra”, considera ela, acrescentando que a expectativa em geral é a de que os eventos não sejam utilizados para discussões político-partidárias, mas sim para a definição de políticas afirmativas que promovam a igualdade racial no país.

O reconhecimento da opinião pública com relação à justeza das políticas reparatórias propostas com o objetivo de resgatar a enorme dívida social do País com a comunidade negra porém, diz Hédio Silva, ainda não foi suficiente para reduzir significativamente as con-

*“ No Brasil, a discriminação
pelo racismo atinge
ainda níveis estratosféricos”
- José Vicente*

seqüências nocivas do preconceito racial em nosso País. O representante da OAB alerta que os negros continuam sendo vítimas de vários tipos de intolerância. “Ainda persistem os casos que afrontam os direitos constitucionais dos negros, como a liberdade de manifestação da nossa religiosidade. Além disso, continuamos a sofrer com a atuação de maus policiais que insistem em considerar a cor da pele como um anúncio de culpa do cidadão. Isso sem falar nos indicadores das mazelas sociais que recaem sobre a população negra”.

Mesmo assim, o coordenador da Comissão dos Direitos Humanos da OAB considera que estes fatores não podem obstaculizar ou impedir o reconhecimento de que a questão racial foi, definitivamente, colocada na agenda do País. “Devemos atribuir este quadro, principalmente, ao esforço e à perseverança das organizações do movimento negro que têm obtido sucessivas vitórias nos últimos anos”. Também na opinião do presidente da Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, José Vicente, no Brasil, a despeito do discurso oficial em contrário que acaba justificando a distância e a invisibilidade social na tese da discriminação social, “a prática do racismo contra os negros, que sempre constituiu uma teia complexa, de difícil análise e compreensão, ganhou nos últimos tempos um aliado incontestável e surpreendentemente revelador: o resultado de pesquisas isentas e bem conduzidas”.

Para ele, os esforços de estudiosos e técnicos aliados à pressão dos organismos internos e externos acabaram por confirmar o que sempre se soube informalmente. “No Brasil, o Segundo maior contingente de negros ou afro-descendentes do planeta, a discriminação pelo racismo atinge ainda níveis estratosféricos”. José Vicente cita, para isto, dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – que revelam que nos últimos 12 anos, a distância social do negro em relação aos brancos aumentou. “Além disso, o DIEESE comunica que para trabalho igual, o

negro recebe até 50% menos que os trabalhadores brancos e o Ministério da Educação aponta que dos quase 800

*“ A conscientização
tem que estar
refletida nas urnas”
- Elisa Rodrigues*

mil Universitários nas Instituições Públicas, os negros respondem por tão somente 2,2% do contingente”, acrescenta.

A presidente do Conselho da Comunidade Negra, Elisa Rodrigues, espera também que este ano seja marcado por um maior comprometimento e sensibilização dos governos municipais. “A minha expectativa é a de que a conscientização chegue à população do interior dos Estados. As pessoas que vivem nas grandes cidades já estão mais habituadas a lidar com o tema do preconceito racial, ao contrário dos que vivem em pequenas cidades”. Para ela, entretanto, esta conscientização tem que estar refletida nas urnas. “Precisamos ter bons candidatos. Pessoas que possam se eleger e representar a comunidade negra com qualidade nos poderes legislativo e executivo”, disse.

Mérito cívico afro-brasileiro

Pelo quinto ano consecutivo, a Afrobras-Sociedade Afro-brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, homenageia no 21 de Março – Dia Internacional Contra a Discriminação Racial – pessoas físicas ou jurídicas que tenham contribuído, direta ou indiretamente, para a causa negra na nossa sociedade. A medalha, uma esfera circular tendo em relevo a efígie de Zumbi dos Palmares sobre o mapa da rota dos escravos, é, segundo a vice-presidente da entidade, Ruth Lopes, uma forma não só de reconhecimento, mas também de incen-

tivo às pessoas que lutam em favor do fim da discriminação racial em nosso Brasil.

Sua finalidade maior é agraciar pessoas físicas e jurídicas que tenham contribuído direta ou indiretamente com os valores do respeito à diferença, tolerância e igualdade de oportunidades, contribuindo para a elevação moral, social e inserção sócio, econômico, cultural e educacional dos negros paulistas e brasileiros. A entrega sempre é feita por uma comissão especial formada pelos comendadores grã-cruzes, o mais eleva-

do grau da comenda, aos novos condecorados.

Para este ano, a outorga da medalha foi concebida a empresários, autoridades e representantes da sociedade civil que têm em seu cotidiano os valores do respeito à diferença, à tolerância e igualdade de oportunidades. Pessoas que, com o seu trabalho, estejam contribuindo definitivamente para a elevação moral, social e para a inserção sócio-econômica-cultural e educacional dos negros paulistas e brasileiros.

Shapperville intensificou a luta de um povo

“Realmente é muito triste lembrar o que aconteceu. A África do Sul ficou exposta com o massacre”. A frase, do cônsul Isaac Modida Choshane, do Consulado Geral da África do Sul no Brasil, revela um pouco do sentimento que ainda existe no coração de quem tem o dia 21 de Março marcado na história como algo brutal que vitimou 69 estudantes negros que participavam de uma manifes-

tação pacífica contra o regime de segregação racial – Apartheid. O assassinato dos jovens sul-africanos, conta Choshane, redirecionou a estratégia da população local. “Aquele dia mudou a história do nosso País. Representou a intensificação da luta de um povo pela liberdade”, considera ele.

Mais do que isso, o massacre de Shapperville, diz o cônsul,

serviu ainda como estopim para desencadear campanhas contra o Apartheid em diversos países. “As pessoas ficaram escandalizadas com o tratamento dado ao nosso povo”. E de 1960 para cá, destaca Choshane, o mundo também mudou. “Este evento foi peça fundamental para apoiar o fim da discriminação em todo o mundo. Foi como se um espírito de liberdade e de democracia tomasse conta das pessoas, que se humanizaram um pouco mais”, finaliza ele.

A Comissão Eleitoral Iraquiana estima que cerca de 8 milhões de iraquianos, de um total de 14,2 milhões de maiores de 18 anos inscritos e aptos a votar, foram às urnas no dia de 30 de janeiro. Segundo funcionários da Casa Branca os resultados excederam as expectativas do governo Bush que, entusiasmado com os números, dirigiu-se ao cidadão americano para afirmar que uma importante etapa de seu projeto para democratizar o Oriente Média estava sendo cumprido.

A exaltação do presidente contaminou boa parte da mídia internacional e ganhou aplauso até dos oponentes da Guerra no Iraque. O escritor Mario Vargas Llosa, defensor da inter-

venção armada, chegou a afirmar que as eleições provaram que é perfeitamente possível “a construção de um sistema democrático, onde haja alternância no poder, se respeite o direito de crítica e uma descentralização vertical e horizon-

tal dos poderes garanta às minorias étnicas e religiosas uma ampla autonomia”.

De outro lado temos aqueles que vêem as eleições como mais uma tentativa do governo Bush de se legitimar a invasão

Para além
das eleições

frente aos aliados europeus e assim reconstituir a unidade ocidental; outros entendem tratar-se uma simples alternância no poder das elites iraquianas que aceitaram governar o país sob ocupação estrangeira e agora aguarda a invasão das grandes corporações econômicas.

Há ainda os catastrofistas que esperam por uma guerra civil entre curdos, xiitas e sunitas. Enquanto xiitas e curdos, que juntos representam mais de 80% da população, compareceram às urnas em grande número, a participação eleitoral nas áreas sunitas foi muito baixa o que pode significar uma forte resistência daqueles que dominaram a nação desde a sua criação em 1920.

Para além de todas as previsões que se faça, e devemos reconhecer que todas elas têm sua razão de ser, embora algumas sejam mais prováveis que outras, caberia fazer uma distinção entre eleição e Estado de Direito.

O presidente George Bush afirmou, recentemente, que seu plano foi inspirado nas idéias contidas no livro "The Case for Democracy" (o argumento em favor da democracia) do israelense Natan Sharansky que procurar estabelecer uma analogia entre a experiência da transição democrática do leste europeu e

as ações implementadas no Afeganistão e Iraque. Segundo o autor são "sociedades do medo" que se fundamentam num regime de terror internamente com atitudes beligerantes no exterior. Contudo a experiência histórica nos ensina que a implementação de um Estado com instituições que assegurem um ambiente de paz e bem estar do



indivíduo é mais o resultado de um processo histórico prolongado do que uma simples consequência de um processo eleitoral. Assim apenas quando tivermos uma sociedade civil minimamente organizada e um Estado que detenha o monopólio legítimo dos meios de violência é que se pode pensar

em promover eleições livres.

O fato é que uma semana após as eleições os atentados terroristas continuam tão intensos como antes o que permite, por sua vez, ao governo norte-americano justificar a presença de uma força militar de 150 mil homens gerando um ciclo de violência sem fim.

Talvez o melhor retrato do beco sem saída em que se encontra o Iraque tenha sido desenhado por Sérgio Vieira de Mello em artigo escrito um pouco antes de sua morte. Constatava a existência de uma grave "dissintonia" entre as grandes potências tornando a ONU um órgão inoperante. O conselho de segurança tem dificuldades em relacionar questões de segurança aos temas de direitos humanos e a Comissão de Direitos Humanos não se aventura a debater medidas de segurança. Portanto, advertia "chegou a hora de todos os Estados redefinirem a segurança global, colocando os direitos

humanos no centro do debate". Esse é o grande o grande desafio que eleição alguma irá resolver.

*Reginaldo Mattar Nasser
coordenador do curso de Relações Internacionais da
PUC(SP) e prof de RI na Faculdade Trevisan*

espetáculo das raças

Apresentação de Ponte entre os Povos,
de Marlui Miranda, revela
a pluralidade da cultura brasileira

Um dos poucos países no mundo a ter uma população com informações culturais de origem tão diversa, o Brasil traz intrínseca em sua cultura uma somatória dos povos que por aqui se instalaram, o que faz com que muitas vezes nos tornemos objeto de pesquisas e alvo de curiosidade de pessoas do mundo inteiro, interessadas na diversidade cultural que apresentamos.

Hoje a diversidade cultural que tanto agrada a estas pessoas foi transportada para os palcos no espetáculo Ponte entre os Povos. Produzido pela artista Marlui Miranda, a apresentação possui característica diferenciada desde a composição. Quem presta atenção nos componentes do espetáculo se depara com um maestro romeno, cerca de 20

integrantes de tribos indígenas do extremo norte do país, um grupo de jovens estudantes de música da cidade de Macapá e membros da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. O repertório? Uma celebração à diversidade, com músicas indígenas somadas a obras-primas da música clássica.

Apresentado no fim do mês de janeiro no Sesc Pinheiros, em São Paulo, o espetáculo é fruto de pesquisa e dedicação de Marlui Miranda cantora, produtora e pesquisadora especializada na

cultura indígena. Segundo Marlui, a idéia de montar o espetáculo surgiu há três anos, quando realizou uma apresentação no estado do Amapá. “Eram as comemorações do dia 19 de abril e durante a apresentação eu conheci um grupo de índios Tumukumake e Palikur e ali começaram os trabalhos.”

Durante a apresentação, a pesquisadora notou que a maioria dos alunos de música que estavam ali não conhecia bem a cultura indígena. “Mesmo estando na mesma região que as comunidades, a maioria nunca tinha visto nada daquilo”, declara Marlui.

Por outro lado, a artista também percebeu uma certa deficiência musical por parte dos alunos, “a escola era bem deficitária e por isso chamamos um grupo de músicos de São Paulo para ten-

tar suprir essas necessidades”. E assim, segundo Marlui, aconteciam naquele conservatório em Macapá aulas de cultura e música indígenas e aulas de orquestra.

Essa união fez surgir um primeiro espetáculo, que foi apresentado as margens do rio Amapá. “Durante o evento Amapá pela Paz surgiu a idéia de fazer a gravação do CD”, afirma a artista. Com esse intuito, o grupo voltou ao Amapá e deu início a uma série de oficinas e gravações em estúdio, o que resultou na produção de três CD’S. Em paralelo ao desenvolvimento dos CD’S, Marlui deu início a outro projeto mais voltado para seu trabalho como pesquisadora. Passou a produzir, em parceria com as antropólogas Lux Vidal, Artionka Capiberibe, Denise Fajardo Grupioni, Eliane Camargo, o livro que acompanharia o CD. “Foram 2 anos de trabalho diário para organização do livro, os CD’S são parte integrante do livro, eles se complementam e por isso não são vendidos separadamente.”

Marlui, que estuda as comu-

nidades indígenas há mais de 30 anos, diz que trabalhar com as comunidades foi muito fácil, pois elas têm a dança intrínseca em suas raízes. Sobre o trabalho em equipe, a produtora afirma que nunca trabalhou com um grupo tão



coeso. “Nunca fiz um trabalho que fosse tão difícil de executar, muito trabalhoso na pré-produção, mas a equipe pode ser considerada excelente.”

Quem não presenciou o

espetáculo “Ponte entre os povos” no mês de janeiro, infelizmente, não terá uma nova oportunidade por enquanto, já que essa foi a única apresentação, pois, segundo a produtora, a organização de um evento como esse exige um custo muito alto. “Requer uma estrutura enorme, porque tem que fretar aviões e barcos para tirar os índios das aldeias, com todas as garantias de conforto e segurança.” Os índios que participaram do projeto pertencem às tribos Wayana, Apalai, Katxuyana, Tiriyo, do Parque Indígena do Tumucumaque, e Palikur, localizada na região do Oiapoque, divisa com a Guiana Francesa.

Segundo a pesquisadora, essa apresentação só aconteceu porque o Diretor Regional do Sesc, Danilo Miranda, acreditou que o projeto era algo grandioso demais para acontecer só regionalmente e porque teve todo o apoio do então governador do

Amapá João Capiberibe. “Um projeto como esse é caro e trabalhoso, pois tem que ser politicamente correto.”

"Um negrinho
magrelo com uma mancha
no olho, um microfone na mão
a instruir o seu povo..."

Contrabando de idéias nas cadeiras da Zumbi

Quem ouve as letras de suas músicas ou vê sua atitude nos palcos dos eventos de hip hop não distingue em nenhum momento a timidez de Antonio Luiz Junior ou, como é conhecido dentro do movimento cultural das periferias brasileiras, Rappin Hood.

Filho de um auxiliar de expedição e de uma empregada doméstica, o cantor de 33 anos é calouro na Faculdade de Administração Zumbi dos Palmares e a vê como mais uma forma de resistência. "Isso aqui é um quilombo e estar aqui hoje é uma satisfação, nossos ancestrais morreram para que isso acontecesse", declara o rapper.

Mas essa história de resistência pessoal surge muito antes da vida universitária e até mesmo do envolvimento com o movimento hip hop. Nascido e criado na cidade de São Paulo, o então garoto

viveu na Vila Arapuá, bairro na região do Ipiranga, desde cedo aprendeu que o caminho para a liberdade estava na educação. Sendo o mais velho de três filhos, foi alvo dos sonhos e realizações dos pais. "Tive uma formação rígida, meu pai dizia que, por sermos negros, tínhamos que tirar 11, porque 10 seria pouco." E esse lema, somado à história de vida do avô que foi considerado como subversivo pelo DOPS na época da ditadura militar, serviram como base para a criação de sua identidade política. Ainda adolescente começou a freqüentar aulas de música em uma igreja protestante do bairro e ali aprendeu a tocar trombone. Mais para frente, suas participações em fanfarras e bandas marciais o levariam à dedicação à música e a aprender a leitura de partituras.

Em meio às crises naturais da adolescência, somadas aos desafios impostos pelo preconceito, Júnior, que aos 14 anos já estava no mercado de trabalho, teve que aprender a lidar com um novo fator excludente, o vitiligo - doença que causa a falta de melanina na pele, que surgiu cedo e aumentou os conflitos já existentes.

Mesmo assim, nenhuma das dificuldades foi suficiente para fazer com que ele desistisse. A paixão pela música fez com que procurasse um curso na Universidade Livre de Música e aprimorasse seus conhecimentos musicais. "Essa foi a minha busca. Eu busquei e aprendi", declara o rapper, que acredita que sua formação musical é um diferencial entre os outros cantores do movi-

mento. “Minha bandeira é trazer a musicalidade para o hip hop”, afirma Hood.

E isso pode ser comprovado ao ouvir algumas dessas músicas de seus CD’S. O comprometimento com a qualidade musical se apresenta com a diversidade presente em cada uma de suas letras.

“Sujeito Homem...”

A participação no movimento hip hop surgiu na década de 80 quando dançava break

e passou a freqüentar a Estação São Bento do Metrô, local onde se consolidou esse movimento cultural em São Paulo, passando a cantar em várias festas e eventos e, de lá para cá, não parou mais. “Nesse momento eu descobri o que realmente queria fazer”, afirma Júnior. Relutou em fazer da música sua profissão, já que, segundo ele mesmo define, “músico no Brasil não é respeitado, é visto como vagabundo”.

Assim, depois do ensino médio, Júnior foi estudar Educação Física e só não concluiu o curso por dificuldades financeiras, mas garante que “se a educação é o meio da gente conquistar as coisas, eu vou estudar”.

“Lealdade, humildade e procedimento”

Dos encontros no centro da cidade surgiu também o codinome pelo qual ele se tornaria conhecido. Rappin Hood: o Robin Hood do rap. A alusão ao personagem que roubava dos ricos para dar aos pobres não passa em vão na vida do cantor.

As letras que faz e a divulgação de seu trabalho fizeram dele um elo entre a mídia e a população da periferia.

“Não me vejo tirando do rico e dando para os pobres, me vejo fazendo uma cobrança de tudo que foi tirado da gente.”

Líder de audiência na rádio 105 FM há três anos, Hood leva a sério um de seus lemas, “lealdade, humildade e procedi-

mento”, e não se gaba do fato de Rap du Bom ganhar a audiência no fim das tardes de sábado. “Eu fui um dos primeiros rappers a aparecer na mídia e isso fez de mim uma pedra que foi devolvida em quem a atirou.”

Como porta voz de um movimento sócio cultural que atrai milhares de adeptos, Hood sabe do peso que tem sua decisão em cursar uma faculdade, não só para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, mas na vida de seus fãs. “É um incentivo para outros jovens e até mesmo para o meu filho”, afirma o cantor.

Mesmo sabendo que o hip hop é o caminho profissional que quer seguir ele não se acomoda e pensa no futuro. “Escolhi administração, pois quando não cantar mais, posso administrar meu selo, minha gravadora.” A escolha da Zumbi para complementar sua formação não se deu por acaso. “O caminho até aqui foi difícil, mas se torna mais fácil se estamos com aqueles que passaram pelas mesmas coisas”, declara Hood que sabe que pode enfrentar algumas dificuldades durante o curso. “É difícil, mas eu não tenho que ficar me lamentando, não dá mais pra lamentar, temos é que exercer nossa cidadania.”

E força, determinação e coragem para exercer a cidadania e conscientizar não somente aqueles que o cercam, mas a todos aqueles que atinge através de suas rimas, fazem de Antonio Luiz Júnior um vencedor.



Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura.

Por Rodrigo Massi e-mail: rodrigo.massi@uol.com.br



Artes Visuais



A Galeria de Arte do SESI apresenta a arte pujante e universal do artista português José de Guimarães. Realizada pelo SESI e o Instituto Camões, a exposição O Imaginário de José de Guimarães, com curadoria de Emanuel Araújo, apresenta 44 trabalhos representativos de diferentes fases.

Trata-se da primeira mostra consagrada exclusivamente ao artista no Brasil, que esteve aqui em 1981 na representação nacional de seu país na XVI Bienal Internacional de São Paulo.

Artista de renome internacional, porém pouco conhecido em nosso país, José Maria Fernandes Marques, seu nome de batismo, nasceu em Guimarães em 1939. Permanece em sua cidade natal até 1957 e no ano seguinte recebe aulas de pintura.

Guimarães utiliza cores vivas e provocantes, as quais podem ser associadas à audácia das aventuras cromáticas do fauvismo, fruto de sua visita a Paris em 1961, quando entra em contato pela primeira vez com as cores puras da paleta fauve. Como curiosidade, há exatos sessenta anos quando de sua visita à

Imaginário de José de Guimarães

Cidade Luz, fora organizada pela Galeria Bernheim uma exposição de Van Gogh, a primeira onze anos após sua morte. O evento foi decisivo para a aventura fauve empreendida por Maurice de Vlaminck (1876-1958), um de seus personagens principais.

Em 1967, o artista segue para a África com o objetivo de estudar a etnografia africana e lá permanece até 1974. A estada foi determinante para suas experiências plásticas futuras, com visível influência de Picasso.

Ao retornar para a Europa propõe, num mesmo cadinho cultural, a mistura de elementos da cultura africana com a

cultura européia. É desse período a emblemática Gioconda Negra, de 1975.

A diversidade temática é também uma de suas características fundamentais. Na mostra estão presentes obras de cunho político, tais como “A Batalha de Cartago” e “Haverá uma pátria para todos”, resultado de sua peregrinação por diversos países, até trabalhos da *pop art*.

A exposição é uma oportunidade singular para o contato de visu com a



estética contemporânea portuguesa da melhor qualidade. A iniciativa também merece aplausos por intensificar os laços culturais entre Brasil e Portugal.

Galeria de Arte do Sesi. Av. Paulista, 1313 – São Paulo, SP De 14 de fevereiro a 29 de maio de 2005.

Terça a Sábado das 10h às 20h – Domingo, das 10h às 19h
Informações: tel. (11) 3146 – 7405.
Entrada Franca

Real Inauguração

Inaugurada oficialmente por Suas Altezas Reais de Astúrias no dia 24 de fevereiro, a Galeria de Arte do Instituto Cervantes apresenta a mostra *Proyecta*, com trabalhos de *designers* espanhóis. Instituto Cervantes. Av. Paulista 2439 – tel. 3897-9600. Entrada Franca.

Bate-Papo com o poeta, crítico e ensaísta Ferreira Gullar

O consagrado autor do livro “Poema Sujo” irá falar sobre as artes no Brasil. Dia 30 de março às 19h. Mezanino da FIESP. Para participar é necessário fazer reserva pelo site www.sesisp.org.br ou pelo telefone 3146-7405

Internacional

Fica em cartaz até 01 de maio no Chicago Cultural Center, a exposição *Flying Carpets* do artista brasileiro Alex Flemming.

O que vem por aí...

A Fundação Armando Alvares Penteado irá apresentar em abril a exposição *Herança dos Czars*, formada por tesouros artísticos vindos diretamente do Kremlin. Seguramente, a mostra será uma extraordinária oportunidade para conhecermos um pouco mais sobre a fascinante cultura russa.



Música

O consagrado violinista Antonio Meneses se apresenta nos dias 25 e 26 de abril dando início ao calendário musical da Sociedade de Cultura Artística.

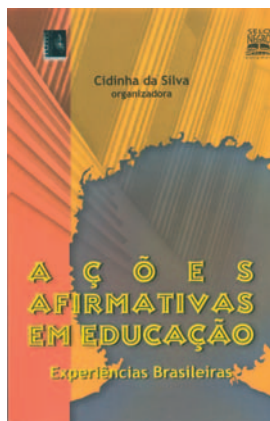
Local: Teatro do Cultura Artística. Estudantes com menos de 30 anos e com meia hora de antecedência pagam 10 reais. Outras informações pelo tel. 3258-3344

Jazz

A Traditional Jazz Band apresenta os melhores momentos do jazz todas as quintas-feiras às 19h30 min no Museu da Casa Brasileira. Até o dia 14 de abril. Av. Brigadeiro Faria Lima, 2705. Tel. 3032-3727. Entrada Franca.

Apoio: ABBA - Academia Brasileira de Belas Artes

LIVROS

Ações Afirmativas em Educação - Experiências Brasileiras

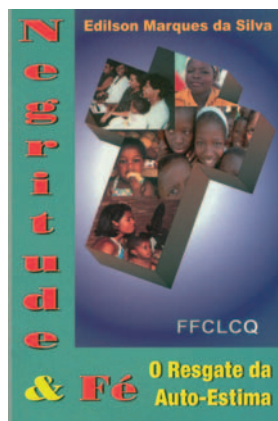
264 pag.

R\$39

Selo Negro
Edições

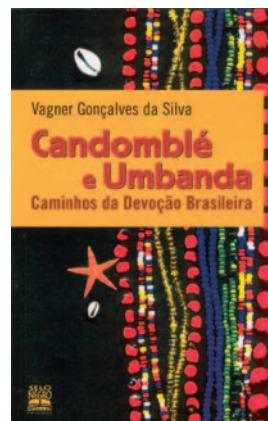
Polêmicas e necessárias, as ações afirmativas em favor da população afro-brasileira têm surgido mesmo que tardiamente em nossa sociedade com uma forma de diminuir as diferenças sociais e raciais no Brasil. Mas será que as medidas que vêm sendo tomada pelas autoridades do país são as mais corretas? Essa e outras questões são levantadas em *Ações Afirmativas em Educação – Experiências Brasileiras* onde através do relato e do debate de situações reais vivenciadas por alunos e profissionais negros procura-se conhecer os estigmas que acompanham a educação dos afro-descendentes.

Organizado pela coordenadora de educação do Geledés, Cidinha Silva o livro procura aprofundar programas que garantam o acesso e o sucesso de negros nas universidades.

Negritude e Fé - O Resgate da auto-estima

A Bíblia é o livro que guia diversas religiões no mundo, muitas pessoas regem suas vidas pelas lições de vida tiradas dali. Contudo muitas vezes algumas interpretações seguem linhas que acabam desfavorecendo alguns. Assim por muitas vezes os povos de origem africana tiveram suas narrativas bíblicas deixadas de lado e isso contribuiu para a deformação da auto-imagem de nosso povo. O Professor e Pastor Edílson Marques da Silva conta em *Negritude e Fé – O Resgate da auto-estima*, fatos históricos que contextualizam a negritude na fé cristã.

Através da apresentação de histórias ensinadas em escolas e igrejas, o autor analisa a contribuição dessas narrativas para a construção deformada da auto-imagem da população negra.

Candomblé e Umbanda - Caminhos da devoção brasileira

150 pag.

Ainda
sem preçoSelo Negro
Edições

Os símbolos e sentidos das religiões afro-brasileiras sempre fizeram parte do Brasil e de sua história, mas devido a nossa formação cultural nem sempre essa manifestação foi pesquisada da mesma maneira que outras religiões.

Com o objetivo de dissipar as dúvidas que surgem quando se aborda o tema a Selo Negro Edições traz o livro *Candomblé e Umbanda – Caminhos da Devoção Brasileira*, onde o autor Vagner Gonçalves da Silva, fornece ao leitor informações históricas sobre essas que são suas vertentes mais conhecidas.

De maneira prática o autor contextualiza a história dessas religiões através da reprodução do contato entre os grupos sociais e raciais do país.

Cinema

Lirismo num drama chileno

O Chile experimentou, em 1973, o amargo fim do sonho socialista que embalou Salvador Allende à presidência da República e o início do pesadelo da brutal ditadura militar comandada pelo general Augusto Pinochet.

A tragédia chilena — um dos mais sangrentos golpes de Estado entre os muitos que desgraçaram a América Latina nos anos de 1960/1970 — recebeu surpreendente tratamento no cinema, pois foi retratada num filme comovente.

“Machuca”, produzido no ano passado no Chile, com capitais da Espanha, Inglaterra e França, conta aquele brutal rito de passagem por meio do olhar de três crianças.

Dirigido por Andrés Wood, nascido em Santiago em 1965, o filme vem se tornando um surpreendente sucesso de público tanto em seu país quanto em outros latino-americanos, inclusive o Brasil — logicamente dentro dos limites de distribuição impostos aos filmes não integrados aos esquemas das grandes produções de Hollywood.

Aqui, por exemplo, o filme chegou simultaneamente a 12 salas de São Paulo e Rio de Janeiro na primeira semana de 2005, circuito ínfimo se comparado aos de 250 a 300 salas montadas para as

reluzentes pirotecnias hollywoodianas.

Mas, apesar do acesso muito restrito, o filme se destaca tanto na esquálida produção latino-americana quanto, e sobretudo, entre os que se arriscam nos meandros da política. De maneira muito próxima do impecável, Wood conta a tragédia chilena de 1973 a partir de uma escola inglesa para meninos ricos que,



por decisão de seu padre-diretor com forte sotaque norte-americano, abre as portas para favelados da vizinhança.

A convivência de quase adolescentes de classes econômicas distantes desdobra-se em duas vertentes: a amizade de um menino rico com um casal de primos pobre e os conflitos entre os meninos ricos e os desconfiados bolsistas pobres. Os conflitos das salas de aulas se expandem para as famílias e refletem o que se passa nas ruas de Santiago: alegres passeatas de partidários e de contrários a Allende se transformam em raivosos

confrontos de rua abrem as portas para as coronhadas e tiros dos militares.

Em viagem a São Paulo para lançar seu filme, o diretor Wood afirmou em entrevistas que desenvolveu uma história de absoluta ficção, embora com base em lembranças, pois, aos oito anos na época, estudava em colégio católico dirigido pelo padre norte-americano Gerardo Whelan (a quem ele dedica o filme), que promoveu experiência de integração de alunos pobres. Logicamente mal sucedida, como a do filme e do governo Allende.

Comovente como narrativa — há seqüências de extraordinário lirismo, como os primeiros beijos na boca, com gosto de leite condensado —, o filme é um lúcido e sério convite à reflexão sobre velhas e atualíssimas mazelas deste nosso, como uma vez cantou

Caetano, ferido continente latino-americano, sobretudo os sonhos de integração, ou inclusão social, para usar termos do momento. Bastam apenas decisões de cima para baixo — como, por exemplo, criar-se cotas para negros nas Universidades — para diminuirmos a secular e vergonhosa distância entre ricos e pobres?

Moura Reis - Editor do Diário de S.Paulo

cultura

Centro das Artes Zumbi

São Paulo

ganha novo núcleo de
Artes Plásticas,
na Zumbi dos Palmares





No momento em que completa seu segundo ano de vida, a Faculdade Zumbi dos Palmares abre ao público o Núcleo de Artes Plásticas e Centro de Referência da Memória do Negro. A festa de inauguração culminará com a abertura do primeiro Salão de Artes Plásticas da Zumbi. O evento, que abre dia 22 de março, contará com a exposição de trabalhos de sete artistas plásticos, que utilizam diferentes técnicas, estilos e temáticas.

Para expor neste primeiro salão de artes, o curador do espaço, Tom Ruthz, convidou os artistas: Silva Maranhão, Raquel Trindade, Mayumi Takushi, Walter Caldeira, Jefferson da Silva Franco e Waldomiro Nascimento (Miro). A exposição contará ainda com obras do próprio Ruthz.

“Queremos fazer deste espaço um celeiro para novos artistas”, afirma Ruthz. E para que isso se torne real, ele já convoca os artistas que gostariam de expor seus trabalhos, que o procurem e mandem seus portfólios. “Vamos man-





*Mayume
Takushi*

ter as exposições por um período de um mês, aproximadamente, e com isso dar oportunidades para os novos artistas mostrarem seus trabalhos”, completa Ruthz.

O núcleo de artes também atenderá aos alunos da Zumbi e a comunidade, com cursos e oficinas de desenho, pintura, artesanato, dança, teatro, expressão corporal, entre outras. As primeiras turmas terão início em abril e as inscrições já estão abertas. Informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 3313-8701, com Tom Ruthz.

*Serviço - Salão de Artes Plásticas da Zumbi -
Rua Washington Luís, 236, Luz, São Paulo, SP,
tel. (11) 3313-8701. De 22/3 a 23/4/05.
De segunda a sexta, das 10h às 21h;
sábados, das 10h às 16h. Grátis.*



*Walter
Caldeira*

Alunos e
professores americanos
trocam experiências
com alunos e
professores da Universidade
da Cidadania

Comitiva da Universidade da Flórida visita Universidade Zumbi dos Palmares

Foi grande o interesse demonstrado pelos 12 alunos e 4 professores da Florida A&M University, instalada na cidade de Tallahassee, Flórida - Estados Unidos, durante a visita feita por eles no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo. Alunos de vários cursos daquela universidade americana, entre eles, o de engenharia eletrônica, ciências políticas, administração, psicologia e jornalismo, eles se mostraram surpresos diante da proposta da Zumbi dos Palmares a ponto de, alguns deles, prontamente manifestarem o interesse em passar uma temporada no Brasil e contribuir para o crescimento da Universidade da Cidadania.

O projeto inovador da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares foi reconhecido também pelo responsável

pela comitiva americana, Joseph V. Jones, coordenador de Desenvolvimento de Educação Internacional da Florida A&M University. “Estamos realmente interes-

na América Latina”, disse ele aos membros do corpo diretivo da Zumbi dos Palmares e da Afrobras.

Cotas nas universidades

A visita dos alunos americanos começou com as boas vindas do presidente da Afrobras, Dr. José Vicente, Reitor da Zumbi dos Palmares, que os recebeu em seu gabinete para lhes apresentar a instituição. Bastante atentos, ouviram dele um pouco da história da Afrobras e da criação da Faculdade, até os dias atuais. “A

grande discussão no Brasil se dá em torno das cotas no ensino superior. Hoje, pouquíssimas universidades adotaram um sistema de cotas e ainda não temos uma legislação que discipline a



sados neste projeto. A nossa instituição tem uma história importante. Mas reconhecemos que não existe nada semelhante nos Estados Unidos. Nós aplaudimos a Zumbi e entendemos que vocês estão fazendo história no Brasil e

proposta. Apesar disto, a Zumbi dos Palmares foi muito além. Cresceu de 200 para 600 alunos já no seu primeiro ano de vida e tem, no corpo discente desta instituição 90% de alunos negros”, comemorou o presidente da Afrobras.

Lembrando aos universitários da Flórida que o País conta com 1.654 instituições de ensino superior e que apenas a Faculdade Zumbi dos Palmares tem o foco voltado especialmente para os afro-brasileiros, José Vicente destacou que a instituição inovou ainda na forma como foi constituída. “Temos orgulho de dizer que a nossa universidade foi construída sem o apoio de entidades religiosas, do governo ou de entidades sindicais, como é o mais usual aqui em nosso País”, disse ele, acres-

centando que, para conseguir desenvolver este trabalho em bases sólidas, contou porém com a ajuda de muitos amigos, entre eles, colegas da Florida A&M University, que, desde o início, ofereceram apoio integral à iniciativa.

Adequação curricular

A diretora da Faculdade, professora Cristina Jorge, em resposta a uma pergunta dos alunos da universidade americana, contou como funcionava o sistema de ensino brasileiro. Falou ainda

da filosofia da Zumbi dos Palmares, que tem como meta a formação de cidadãos completos e não apenas bons profissionais em suas áreas de atuação. A professora explicou aos visitantes, que, por serem, em sua maioria, estudantes provenientes de escolas públicas, alguns dos alunos da Zumbi dos Palmares necessitam de reforços em disciplinas como língua portuguesa, matemática e também inglês. “De maneira a permitir que os estudantes consigam superar as dificuldades nestas



matérias, adaptamos os nossos cursos a estas necessidades e reforçamos o currículo com aulas de leitura, inglês introdutório e de língua portuguesa”, contou ela.

Outro fator que surpreendeu a comitiva da Florida A&M University foi que, no Brasil, o sistema educacional não permite que os alunos entrem diretamente na universidade, sem vestibular. Ficaram muito mais surpresos em saber que 75% das nossas faculdades são particulares e apenas 25% públicas. E que,

paradoxalmente, em vez de contarmos com um número maior de alunos com baixo poder aquisitivo nas universidades públicas, eles estão muito mais presentes no ensino privado, por não terem condições de competir com estudantes mais bem preparados no vestibular. “A maior contribuição que a Zumbi dos Palmares está dando ao País é o paradigma que nunca se conseguiu chegar tão longe em educação de negros no Brasil. O nosso desejo maior é o de consolidar a instituição para que

ela possa servir de referência não só para nós, brasileiros, mas também para entidades de ensino internacionais”, disse José Vicente.

Samba rock e capoeira

Depois da aula de cidadania, a comitiva americana se reuniu com alunos da

Zumbi dos Palmares no auditório da universidade. Foram brindados com uma aula de samba rock e apresentações de capoeira. Como resultado da visita, Joseph V. Jones, coordenador da Florida A&M University, que tentou alguns passos de capoeira, e o presidente da Afrobras, José Vicente, devem assinar, nos próximos meses, convênios de intercâmbio de alunos, bem como de professores das duas universidades.





Momentos de confraternização



dilema da nação

Em 1967, em Shaperville, África do Sul, dezenas de negros africanos foram barbaramente assassinados pela polícia do regime do Apartheid porque se rebe-

laram contra a injustiça, pelo direito à vida, à liberdade e a igualdade de direitos em seu próprio país, construído com o sangue e suor de seus antepassados e

pilhado pelo colonialismo Inglês. Da segregação dos guetos aos fuzilamentos oficiais, dos seqüestros e mercância dos corpos, às chibatas, enforcamento e

fogueiras em praça pública ao longo da história, essa trágica epopéia, negação dos mais mezinhos princípios de valores humanos, sempre representou um fardo pesado demais para ser carregado e importante demais para permanecer ignorado.

Vale lembrar que nenhum ente político é legítimo a supressão dos direitos indisponíveis do ser humano, menos ainda, fundamentado na intolerância e desrespeito às diferenças raciais.

No Brasil, a despeito do discurso oficial em contrário que justifica a distância e a invisibilidade social na tese da discriminação social, a prática do racismo contra os negros, que sempre constituiu uma teia complexa, de difícil análise e compreensão, ganhou nos últimos tempos um aliado incontestável e surpreendentemente revelador: os dados de pesquisas isentas e bem conduzidas.

Somados à porção mais perceptível aos sentidos, com predominância para o visual, esses esforços de estudiosos e técnicos abnegados e a pressão dos organismos internos e externos confluíram para colocar por inteiro e, confirmar à exaustão, o que sempre se soube informalmente: No Brasil, o Segundo maior contingente de negros ou afrodescendentes do planeta, a discriminação pelo racismo atinge níveis estratosféricos.

Segundo o IBGE, os negros representam 45% dos brasileiros. O IPEA noticia que nos últimos 12 anos a distância social do negro em relação aos brancos aumentou. O DIEESE comunica que para trabalho

igual, o negro recebe até 50% menos que os trabalhadores brancos e o Ministério da Educação aponta que dos quase 800 mil Universitários nas Instituições Públicas, os negros respondem por tão somente 2,2% do contingente.



Acresça-se a esses, alguns dados factuais, tais como a invisibilidade do negro nos primeiros, segundo e terceiro escalões dos Ministérios, Estatais, Secretarias Estaduais e Municipais, no Congresso, Suprema Corte, Tribunais Superiores, Magistratura e Ministério Público Federal e Estadual, Exército, Magistério, nas hostes religiosas, nas diversas mídias etc.

Como se pode ver à sociedade, os números são latentes. Oitenta milhões de pessoas encontram-se fora dos equipamentos e instrumentos sociais, fato demonstrativo de que nossa geração também falhou na resolução dessa chaga

estrutural da sociedade brasileira. Do racismo cordial à integração racial; do Milagre Brasileiro ao Neoliberalismo, prevalece a certeza de sempre, de que o mais intrincado e decisivo dilema da nação continua intocável: o negro brasileiro continua onde sempre esteve,

no porão, separado e desigual.

Dessa realidade decorre a constatação da ilicitude de repassarmos intacta para nossas futuras gerações essa verdadeira bomba de nêutrons. Se a vocação do Brasil é de conviver em lugar de destaque no concerto das nações, esse objetivo em sua plenitude importa, antes de tudo, na obrigação moral e ética da integração no gozo e usufruto dos bens, riquezas e oportunidades nacionais de todos filhos da pátria, pois, não se conhece na história de todos os tempos, o alcance da paz e felicidade geral numa nação cindida.

O dilema da nação não poderá ser superior a vontade sincera, a coragem honesta e o desejo legítimo da grande maioria da sociedade brasileira de empunhada nas lutas de combate ao racismo e discriminação racial, preparar para o futuro, uma nação pacificada, de glória, orgulho e felicidade para todos os brasileiros.

José Vicente - Presidente da Afrobras - Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural e Reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares

VIVA A DIVERSIDADE. VOCÊ

PODE.

Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

Agora em nova sede, com novas instalações mais amplas e confortáveis, oferece os seguintes cursos:

- Administração Geral
- Administração Financeira
- Comércio Exterior
- Serviços e Comércio Eletrônico



Informações:

Faculdade Zumbi dos Palmares

Rua Washington Luís, 236 - Luz - Tel: (11) 3313-8917

www.unipalmares.org.br



O que faz a
DIFERENÇA
para mim?

É ter um atendimento diferenciado, especial.

Se você não anda muito feliz com o atendimento do seu banco, converse com um gerente da Nossa Caixa. Você vai se surpreender e descobrir que serviços eletrônicos combinam, sim, com calor humano. A Nossa Caixa faz a diferença, oferecendo tecnologia, produtos e serviços de um banco moderno com um atendimento diferenciado.



Abra uma conta na Nossa Caixa. Você merece um banco assim.

O banco do coração de São Paulo

www.nossacaixa.com.br



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ